

Confraria dos Livros Bons

© 2018 Luiz Gonzaga Pinheiro

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, entidades assistenciais de Capivari-SP.

1ª edição eletrônica: dezembro de 2018

**Capa: André Stenico**

**Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br**

**Revisão: EME**

ISBN 978-85-9544-xxx-x

**André Luiz e suas novas revelações | Luiz Gonzaga Pinheiro**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

**Confraria dos Livros Bons**

# **Introdução**

Obs: Esta numeração corresponde ao livro impresso, o texto digital não considerou as folhas em branco..

## E

xistem poucos grupos de pesquisa sobre o espiritismo em nosso país, diante da imensa riqueza informativa que nos trouxeram Allan Kardec, André Luiz, Yvonne Pereira, Philomeno de Miranda, Ernesto Bozzano, Hermínio de Miranda, dentre outros missionários que dedicaram muito tempo e energia de suas vidas em função da evolução doutrinária. Senti enorme tristeza com a partida de alguns amigos que amavam a pesquisa, notadamente dois deles que me auxiliaram com seus aconselhamentos através de cartas e de gestos de carinho que trocávamos: Hernani Guimarães Andrade e Hermínio Miranda.

Todavia, um dos nossos lemas mais importantes, diria mesmo, o principal, presenteado pelo Espírito de Verdade, “amai-vos e instruí-vos”, nos envia diretamente ao esforço no avanço intelectual e moral, o que não poderá ser efetuado sem o estudo metódico e compenetrado.

Esse tipo de estudo nos livra da ignorância e o amor nos liberta da sombra que habita em nós, promovendo a iluminação do nosso ser, senha para a entrada nos mundos felizes. As obras subsidiárias à doutrina, notadamente a coleção “André Luiz”, constituem verdadeiro farol a nos guiar por trilhas seguras, com a ausência do fanatismo que falseia interpretações e espalha o desleal saber. De Nosso Lar à Desobsessão, André Luiz vasculhou, resumiu e escreveu sobre praticamente todas as nuances da vida espiritual, permitindo aos espíritas acesso prévio ao cotidiano das colônias aonde irão, a depender de seus méritos, após desencarnarem.

Existem os que gostam de estudar sozinhos, em suas redes de balanço, e existem os que preferem o estudo em grupo. Comigo funcionam os dois métodos, mas garanto que as facilidades estão no estudo em grupo com o método sistematizado, muito mais eficiente que um estudo individualizado. Um grupo pode, diante de um tema escolhido, abordar uma questão qualquer de maneira multidisciplinar, pois entre os estudantes geralmente se encontram diferentes opiniões, filosofias, pessoas que mourejam em diferentes campos de trabalho e de estudo. Em nosso grupo existiam médicos, advogados, engenheiros, vendedores, donas de casa, professores, e se por acaso existisse um analfabeto, mas vontade de aprender teria a mesma deferência de todos.

Muito natural que no grupo, os mais treinados no estudo tenham maior facilidade na compreensão e no aprofundamento dos ensinamentos doutrinários, mas isso ainda é uma vantagem para aqueles que têm pouco conhecimento, pois podem contar com a paciência e o entusiasmo dos demais que não estão ali para demonstrar erudição, mas em trabalho doutrinário e de caridade para com seus irmãos necessitados.

Este livro, que traz vinte temas espíritas atuais e empolgantes, extraídos da obra de André Luiz, é um incentivo aos estudos doutrinários na casa espírita. Ao bom hábito da pesquisa, da formação de grupos de estudos, da discussão de temas relevantes, do aperfeiçoamento dos médiuns e doutrinadores, enfim, da valorização do nosso lema “amai-vos e instruí-vos”. Costumo dizer que médium que não estuda é médium mistificado. Que possamos nos dar esse presente, comprovadamente a maior alegria que o espírito pode ter na vida, o conhecimento. Que não passemos um dia sem ler ao menos uma página dessa iluminada e libertadora doutrina, o espiritismo.

Boa leitura e excelente prática!

Obs: Esta numeração corresponde ao livro impresso, o texto digital não considerou as folhas em branco..

## **A lição do obsessor**

Obs: Esta numeração corresponde ao livro impresso, o texto digital não considerou as folhas em branco..

## P

odemos definir, obsessão, segundo o espiritismo, como um espírito, encarnado ou desencarnado que por um certo tempo, às vezes a se estender por séculos, se empenha em causar transtornos e prejudicar a vida de uma ou mais pessoas. O objetivo, na grande maioria das vezes é a vingança. Segundo Allan Kardec, obsessão é o domínio que alguns espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca praticada senão pelos espíritos inferiores, que procuram dominar. (KARDEC, Allan, O Livro dos Médiuns, item 237).

Em outra obra basilar da doutrina deixou ele engastada como uma joia rara a uma coroa esta outra definição: é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. (Kardec, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. XXVIII – 81)

Aprofundemos algumas palavras (as grifadas por mim) em apontamentos necessários ao entendimento desse tema milenar, posto que Jesus, também lidou com ele e sobre ele teceu profundas considerações.

**Alguns espíritos: isso quer dizer que nem todos os espíritos pensam ou usam desse processo para lidar ou resolver seus problemas. Somente aqueles que ainda não conseguem perdoar, ou seja, a grande maioria dos terráqueos (por isso a obsessão é tão frequente) é que recorre a este procedimento. Alguns consideram a justiça divina muito lenta, outros a desconsideram ou nela não acreditam e terceiros, movidos pelo orgulho e prepotência se acham no direito de tomar o lugar dos juízes e promoverem suas próprias justiças. Estes se encontram no estágio ainda não superado pela humanidade, o “olho por olho e dente por dente”, instituído por Moisés com a finalidade de limitar a vingança e mesmo após Jesus insistentemente ter revelado e vivenciado o amor e o perdão, mesmo aos inimigos.**

**Certas pessoas: seguindo o raciocínio acima exposto, nem todas as pessoas sofrem obsessão. Apenas aquelas que vibram na mesma frequência de quem lhes perseguem. Os que conseguem perdoar, orar pelos inimigos, praticar a caridade, seguir a lei do amor, enfim, formam ao redor de si um escudo**

**protetor, uma blindagem indevassável que os imunizam das agressões e maldades soezes praticadas por aqueles que fazem da agressão seu método de resolver contendas. O bem é um antídoto seguro contra a virulência da maldade e da ignorância. Sei que sou repetitivo nessa frase, mas nunca é demais lembrar o sábio conselho de Emmanuel quando elucidada: O bem que fazemos é nosso advogado em qualquer época.**

Dominar: este é o objetivo do obsessor, a dominação de sua vítima. E para isso ele não mede esforços utilizando-se de todos os métodos e armadilhas covardes e cruéis até que seu objetivo seja culminado. Ele se alia a outros, alicia comparsas, paga a pistoleiros, mafiosos que no mundo astral se colocam a serviço do crime, para que o auxiliem em seus planos. Paga mafiosos? Existe uma moeda corrente no mundo espiritual? O pagamento é feito através de serviços prestados às organizações trevosas, sexo, acesso a drogas, dentre outras formas. Se além de cruel é sádico, fará um plano a ser cumprido a longo prazo, levando o inimigo ao suicídio, à falência, ao abandono, à execração pública. Para o obsessor, os fins justificam os meios, pois não existe ética nem bondade nessa guerra na qual o obsessor emprega todos os minutos no hipnótico processo de dominação.

**Ação persistente: às vezes um espírito tenta perseguir alguém, mas diante da resistência oferecida pelo perseguido, que vai a um centro espírita, faz o evangelho no lar, ora ao seu anjo guardião pedindo ajuda, desiste. Não podemos qualificar este evento como uma obsessão. Digamos que foi um assédio, um incômodo, uma vexação momentânea, uma tentativa malograda, pois uma obsessão não se enquadraria nesse contexto, simplesmente porque o obsessor não desiste diante do seu inimigo. É a persistência um sinal claro e inequívoco da obsessão, que chega ao extremo de se prolongar por séculos, passando de uma encarnação a outra, como costumeiramente se verifica nos casos tratados por doutrinadores em reuniões específicas ditas de desobsessão.**

**Espírito mau: aqui temos que atenuar um pouco, graduando a maldade ou pelo menos pontuando-a ou direcionando-a em determinados casos para uma única pessoa, a suposta vítima. Digo suposta, pois na grande maioria das vezes o obsidiado de hoje foi o obsessor de ontem. Daí o doutrinador tratar com cortesia ao que persegue e ao perseguido. Não deve tomar partido, rotular, discriminar, nem preconceituar. Muitos obsessores são capazes de gestos de bondade, educação e amizade para com todos ao seu redor, menos para com aquele que ele julga que o prejudicou. Yvonne**

**Pereira nos narra em seu excelente livro, Recordações da mediunidade, o caso de um obsessor que bem retrata o que expomos:**

[...] Entretanto, nem todos os obsessores são verdadeiramente maus, e de muitos deles poderemos fazer amigos espirituais nossos, através do bom tratamento fraterno que lhes dispensarmos. Lembramo-nos aqui de um desses obsessores, com o qual travamos conhecimento durante certos trabalhos para curas de obsessão, realizados na antiga “Casa Espírita”, da cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, o qual dizia, quando, presidindo nós as sessões, o exortávamos a abandonar a infeliz atitude de perseguidor do próximo, usando então expressões quase integralmente idênticas às aqui lembradas:

– Perdoe, minha querida! É com pesar que a contrario. Peça-me outra qualquer coisa, e eu a atenderei com o coração nas mãos. Peça-me que seja bom e caridoso para com qualquer outra pessoa, que ore pelos que sofrem, como a vejo fazer aqui todos os dias; peça-me seja o que mais for e me esforçarei por atendê-la. Mas não me peça para desviar ”dele” (o obsidiado) o castigo que tanto merece, porque isso está além das minhas possibilidades. Se a senhora soubesse o que ele me fez! Da sua pessoa, isto é, a senhora, tão meiga para mim nas suas orações, tão afetuosa, tão boa. Para os meus companheiros de desgraça, eu gosto muito, muito mesmo! Ser-lhe-ei eternamente grato pelo bem que me vem prestando: estarei pronto a servi-la em qualquer emergência em que lhe puder ser útil. Mas a ‘ele’ não! Eu o odeio com todas as forças do meu coração ultrajado pela maldade dele, e não o pouparei!

– O teu drama foi vivido há tantos anos, meu amigo! Por que retê-lo nas recordações, para continuar sofrendo o seu amargor? Não seria mais consolador procurar perdoar e esquecer, concedendo tréguas ao coração sofredor, para tentar a felicidade na prática do amor fraterno? – revidamos nós. Mas pareceu não ouvir a nossa insistência, pois continuou a frase interrompida:

– Sim, minha querida, somente dois lugares lhe assentam bem como residência:

o hospício, onde presentemente se acha, ou a cadeia, pois a ambos eu conheci por culpa dele. É um miserável, acredite, é pior do que eu, e merece o que está sofrendo...

Esse obsessivo, como se vê, não era dos mais endurecidos, visto que admitia atitudes amáveis para outrem que não o seu adversário, e era sincero, declarando que a este não abandonaria, em vez de mistificar, concordando em se afastar do mesmo apenas no intuito de se livrar de nossa impertinência, como muitos outros o fazem. E quer nas sessões práticas, que então realizávamos, quer a sós, durante a vigília ou em nossos transes de desprendimento, demonstrou sempre grande respeito e mesmo afeto por nossa pessoa.

Em certa ocasião, quando as dores de uma grande provação nos assaltaram, tivemos-lo ao nosso lado tentando algo para nosso alívio, qual bom amigo terreno, que, apesar de não ser personalidade propriamente virtuosa, é capaz de bem-querer e favorecer um amigo. Cerca de um ano mais tarde, no entanto, se cansou de praticar a vingança, se envergonhou do próprio procedimento e, porque já tivesse adquirido conhecimentos razoáveis sobre o Evangelho e a doutrina espírita, graças à convivência com os componentes das aludidas sessões, se arrependeu, abandonou a presa, que se recuperou lentamente, e se despediu de nós para novos ciclos de progresso. Como bem se percebe, essa entidade permaneceu, se reeducando, nas sessões da antiga “Casa Espírita”, assistindo aos trabalhos práticos e aos estudos durante cerca de dois anos, quando ensejos lhe foram renovados para observar o elevado ideal que movia aquelas criaturas, que outro desejo não possuíam senão o de progredir na prática do bem e do amor a Deus. A instrução doutrinária, o exemplo, a paciência e o amor são, portanto, fatores indispensáveis ao bom êxito dos trabalhos de curas de obsessão. E não julguemos que qualquer entidade endurecida no erro possa se converter e se arrepender rapidamente, sob a magia da nossa doutrinação durante uma ou duas reuniões. Elas permanecerão, talvez, frequentando nossos trabalhos a fim de se instruírem e se reeducarem sob nosso contato, conosco fazendo o aprendizado rudimentar para conseguirem novas fases de instrução e progresso. Alguns dali mesmo voltarão a reencarnar, sem atingir a espiritualidade. E então, certamente, o obsidiado igualmente será agraciado com novos ensejos redentores. Entrementes, nada se conseguirá se o próprio obsidiado não auxiliar

a cura procurando se renovar moral e mentalmente, corrigindo suas imperfeições e reagindo contra as sugestões malélicas do opositor. Pela prece humilde e fervorosa, ele muito conseguirá para si próprio, pois, tal procedimento, digno e agradável às leis de Deus, cansará o obsessor, que cedo se retirará, compreendendo que a si mesmo ofende quando procura ofender o próximo. O obsidiado, então, muito poderá fazer pela regeneração moral do seu obsessor, o que o elevará em méritos no conceito do mundo espiritual, para ele atraindo as simpatias protetoras.

*Recordações da mediunidade, Yvonne Pereira.*

Visto tais detalhes, importantes no contexto no qual nos inserimos, passemos à lição do obsessor:

– Sim, aprendemos nas escolas de vingadores que todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um “desejo central” ou “tema básico” dos interesses mais íntimos. Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam à experiência rotineira, emitimos com mais frequência os pensamentos que nascem do “desejo central” que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo... Conhecido o reflexo da criatura que nos propomos retificar ou punir é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental.

Com esse objetivo, basta alguma diligência para situar, no convívio da criatura malfazeja que precisamos corrigir, entidades outras que se lhe adaptem ao modo

de sentir e de ser, quando não possamos por nós mesmos, à falta de tempo, criar as telas que desejemos, com vistas aos fins visados, por intermédio da determinação hipnótica. Através de semelhantes processos, criamos e mantemos facilmente o “delírio psíquico” ou a “obsessão”, que não passa de um estado anormal da mente, subjugada pelo excesso de suas próprias criações a pressionarem o campo sensorial, infinitamente acrescidas de influência direta ou indireta de outras mentes desencarnadas ou não, atraídas por seu próprio reflexo. E, sorrindo, o inteligente perseguidor disse, sarcástico:

– Cada um é tentado exteriormente pela tentação que alimenta em si próprio.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Pelo exposto, fica fácil verificar a complexidade do “fenômeno obsessão”, tão comentado e combatido, mas, igualmente, tão entranhado em nosso cotidiano. Somente a renovação moral de cada indivíduo, buscando a mudança de hábitos e de atitudes contrários à lei moral consubstanciada no evangelho de Jesus, código moral das avançadas civilizações estelares, será capaz de erradicar tão contumaz gesto.

A doutrina espírita, em sintonia com o evangelho do Mestre, aconselha e põe toda sua força e energia nessa mudança, fazendo constar em suas páginas luminosas um apelo no limite das forças ao “amai-vos e instruí-vos”, objetivo insubstituível de quem realmente quer alcançar sua alforria das forças inferiores e obter a coroa da redenção espiritual.

Sei que todo espírita já ouviu este conselho, mas se ouviu e não se esforça em concretizá-lo, é que ingressou na doutrina, mas a doutrina ainda não adentrou nele. Portanto, o repito esperando que todos tenham ouvidos de ouvir: Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações (Allan Kardec).

Faça da doutrina o seu “desejo central” ou “tema básico” e caminhe em paz pelas tortuosas estradas do mundo, que em breve será iluminado pelos clarões da

regeneração. Uma página por dia, um bom exemplo por semana, uma prece por noite, conquanto que comece. Sem o primeiro passo nenhuma caminhada se conclui. Essa é a atitude que os espíritos do bem esperam de todos nós.

**Confraria dos Livros Bons**

# **O despertar do princípio inteligente**

## P

Para mim, uma das questões mais intrigantes quando se estuda a evolução da vida, é o instante do seu nascimento. Não falo apenas das intermináveis discussões dos biólogos e de suas teorias tais como:

a) Criacionismo: é a teoria que considera que todos os seres vivos foram criados a partir de intervenção divina. Várias culturas e religiões seguem esta linha de raciocínio. Durante a hegemonia da religião sobre a ciência, que durou muitos séculos, esta era a única ideia existente a desafiar as mentes mais audaciosas e criativas.

b) Panspermia ou cosmogenia: hipótese que afirma que a vida teve origem em outro planeta e foi transportada para a Terra através de meteoros que continham formas de vida bastante simples. Atualmente esta é uma teoria secundária e em desuso, principalmente pelo fato de que ela transfere o “problema” da origem da vida para outro planeta.

c) Abiogênese ou geração espontânea: é a hipótese que afirma que os seres vivos podem surgir da matéria sem vida. Dizia-se que algumas substâncias possuíam “força vital” capaz de produzir seres vivos. Esta hipótese foi inúmeras vezes testada e supostamente corroborada pelo surgimento “inexplicável” de moscas sobre a carne, ratos em trapos sujos, decomposição de matéria orgânica, dentre outros experimentos.

d) Teoria do caldo orgânico: esta é uma teoria com bastante adeptos. Segundo esta crença a Terra primitiva era muito quente e sua atmosfera muito tênue. Havia uma composição de gases nos quais se destacavam o metano, o amoníaco, o hidrogênio e o vapor de água. Dessa maneira, as radiações ultravioletas

passavam diretamente para a superfície do planeta. Há evidências de que havia pouquíssimo oxigênio livre. As fortes descargas elétricas das tempestades juntamente com a radiação solar promoveram uma série de reações químicas que degradaram as substâncias existentes e as reorganizaram em novas moléculas, dentre elas, substâncias orgânicas como os aminoácidos. Com o decorrer dos séculos, esses elementos químicos orgânicos mais complexos se organizaram formando uma estrutura complexa unicelular. Essa estrutura que continha uma molécula de ácido nucleico e proteínas teria sido o primeiro ser vivo da Terra.

Mas sabemos que um ser vivo precisa de fluido vital e de um princípio inteligente que comande sua evolução suprindo as necessidades exigidas pelo meio em que habita. O fluido vital, também chamado de princípio vital, é uma forma modificada do fluido universal, considerado elemento básico da vida. Aqui falamos da vida no sentido ou conceito que a ciência lhe atribui, ou seja, de um corpo que nasce, cresce, reproduz e morre, sem levar em consideração a alma. Esse conceito não é válido para os espíritos, uma vez que eles não reproduzem, nem morrem. Quando o fluido vital se esgota, o ser morre. Para que isso fique bem esclarecido entre os leitores, podemos afirmar que a diferença entre uma escrivaninha de madeira e uma árvore, a que lhe cedeu o material, é apenas a presença do fluido vital nesta última.

Mas tudo isso é de fácil entendimento. Difícil é entender como o princípio inteligente, que no linguajar poético do povo, revelando o que Léon Denis cita em seu extraordinário livro, O problema do ser, do destino e da dor escreve, desperta e inicia sua saga evolutiva. Disse Léon Denis: O princípio inteligente dormita na matéria bruta, acorda na matéria orgânica, adquire atividade, se expande e se eleva no espírito. Mas o povo traduziu poeticamente essa afirmativa deixando-a luminosa: O espírito dorme no mineral, sonha no vegetal, agita-se no animal e desperta no homem.

Dorme a mônada, o princípio inteligente, a semente, ou seja que nome se dê, mas em que momento de seu sono acorda? Foi aí que passei a buscar na obra de André Luiz uma resposta para tão extraordinário tema. E como quem busca encontra, eis que as pistas começaram a surgir no nublado horizonte do meu entendimento:

Cada espécie de seres, do cristal até o homem (grifo meu), e do homem até o anjo, abrange inumeráveis famílias de criaturas, operando em determinada frequência do Universo. E o amor divino alcança-nos a todos, à maneira do Sol que abraça os sábios e os vermes. Todavia, quem avança demora-se em ligação com quem se localiza na esfera próxima.

Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

Note o leitor que o Ministro Flácus, que é o palestrante, propositalmente utiliza de um ponto de início e o de um final de escala, ou seja, um intervalo significativo. Como quem diz de zero a mil, ou de a a z ele reforça: do cristal até o homem. Mas em outra obra, No mundo maior, Calderaro, outro instrutor de André Luiz, volta a citar os cristais como o início do despertar.

Fala de Calderaro:

A crisálida de consciência, que reside no cristal (grifo meu) a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório; as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do inverno e acalentadas pelas carícias da primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra. Em verdade, Deus criou o mundo, mas nós nos conservamos ainda longe da obra completa.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

A ideia, segundo a qual o princípio inteligente percorre extensa linha, passando pelas espécies mais simples da natureza, construindo ele próprio com a ajuda dos técnicos espirituais sua vestimenta perispiritual, é dominante em toda a literatura espírita: vejamos alguns apontamentos vinculados ao tema:

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

Evidentemente. Os espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.

607 A alma pareceria assim ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

– Não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer totalmente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida, como dissemos. É, de alguma sorte, um trabalho preparatório, como a germinação, em seguida a qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna espírito.

*O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.*

O espírito não chega a receber a iluminação divina sem antes haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização.

*A Gênese, Allan Kardec.*

O animal, igualmente, para atingir a auréola da razão, deve conhecer benemérita e comprida fieira de experiências que terminarão por integrá-lo na posse definitiva do raciocínio. (Emmanuel)

*Aulas da vida, espíritos diversos, psicografia de Chico Xavier.*

O princípio espiritual caminha sem detença para a frente... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, desta para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

**Vozes de uma sombra:**

Donde venho? De eras remotíssimas

Das substâncias elementaríssimas

Emergindo das cósmicas matérias.

Venho dos invisíveis protozoários,

Da confusão dos seres embrionários,

Das células primevas, das bactérias.

(Augusto dos Anjos)

*Parnaso do além-túmulo, espíritos diversos, psicografia de Chico Xavier.*

Gosto de brincar dizendo que Augusto dos Anjos disse em 6 versos o que eu só consegui com 400 páginas em *O perispírito e suas modelações*. Mas por que o despertar nos cristais? Para dominar as formas geométricas necessárias a formação de qualquer figura ou desenho de sua anatomia. Treinar a plasticidade, uma das principais propriedades do futuro perispírito que obedeceria ao comando mental do espírito, seu construtor. Quando se medita nesse plano não há como não se extasiar com tamanha beleza e sabedoria. Que bordado maravilhoso, que poesia delicada, que beleza simples e fantástica. Que Deus nos permita olhos de ver e entender Sua imensa obra.

Olhando para as imensas conquistas humanas nos campos da ciência, filosofia, artes, religiões e imaginando que seu início foi tão simples somos tocados por misterioso desejo de louvar a fantástica inteligência do plano divino que fez partir da simplicidade e da ignorância uma sementinha a se multiplicar, engrandecer e prosperar por toda a Terra. Cada um de nós tem milhões de anos, de batalhas, de aprendizagens e de glórias. Que cada um se veja nesse contexto como filho de Deus, cocriador de Sua obra, construtor de si, herdeiro e desbravador do universo. Pense nisso quando um mendigo bater em sua porta.

# Forças de contenção

## M

esmo com mais de dois mil anos de conhecimento acerca do evangelho de Jesus, a Terra continua um imenso campo de batalhas. A justiça parece habitar um horizonte tão distante que, às vezes, desesperamos em esperar por sua chegada. E como sem justiça não há paz, por ser ela sua precursora, continuamos os mesmos trogloditas, só que agora de paletó e gravata.

Se fossem retiradas do cotidiano todas as forças de contenção: a polícia, as forças armadas, os bombeiros e demais aparatos repressivos voltaríamos à barbárie. Por isso, no presente estágio bélico da Terra, cada nação tem seus exércitos defensivos externos e internos. Por este motivo as colônias espirituais localizadas nas proximidades da Terra têm suas muralhas com baterias elétricas, lança-chamas, sentinelas e guerreiros treinados na repressão a grupos invasores.

Os centros espíritas contam com guarda desencarnada treinada, com guerreiros encarregados de capturar e transportar malfeitores, proteger os frequentadores, seu patrimônio moral e material que é o prédio onde se realizam as reuniões. Mesmo assim a luta é intensa. A cada domingo, no centro espírita onde trabalho, Tibiriçá traz espíritos que tentam adoecer os médiuns, obrigando-os a promoverem limpezas em suas casas e corpos. Muito a contragosto, com uma lança a lhe tolher os movimentos, eles desfazem tudo quanto fizeram: retiram chips, correntes, cadeados, âncoras, espinhos, em um desfile de técnicas antigas e modernas com efeitos nocivos aos que se permitem fragilizar. Não satisfeitos, constroem muros ao redor do centro para torná-lo invisível a quem o procura, buscam os suscetíveis ao melindre para torná-los coléricos, procuram causar-lhes prejuízos materiais, promover desarmonia nos lares e ameaçam claramente e sem rodeios na hora da doutrinação.

Em verdade é difícil entender como um muro, invisível para a maioria dos encarnados pode dificultar a localização do centro espírita, disse certa feita para um deles. Mas sob este argumento ele apenas riu e lembrou o quanto a minha ignorância acerca dos métodos que ele utilizava me tornavam inábil para a função de doutrinador. Nos processos de magia negra, disse-me ele, quando querem separar casais, rasgam uma foto dos dois separando-os, quando na foto antes estavam lado a lado, lançam uma espécie de hipnose sobre o marido que passa a ver sua mulher como uma velha, esquecendo suas virtudes e lembrando

apenas de suas fragilidades, inibem sua libido para com ela e a despertam para outras, o mesmo fazendo para com ela, que tem o rosto coberto por um véu, odores alterados e tantas são as técnicas que não tive outro argumento senão admitir minha ignorância sobre aqueles métodos não convencionais.

Muitos não creem nesse tipo de ocorrência, mas o que estuda, trabalha e com fé procura sustentar a chama do trabalho espírita conquistando por mérito a proteção de seus mentores, sabe que esse é o cotidiano de suas vidas. Vivemos em um mundo onde o mal predomina e basta esta certeza para saber que tais forças não dormem. Vejamos como o ministro Flácus faz menção à maneira como o mau deve ser tratado.

Somos simplesmente alguns bilhões de seres perante a Eternidade. E estejamos convencidos de que se o diamante é lapidado pelo diamante, o mau só pode ser corrigido pelo mau. (grifo meu) Funciona a justiça, através da injustiça aparente, até que o amor nasça e redima os que se condenaram a longas e dolorosas sentenças diante da boa Lei.

Homens perversos, calculistas, delituosos e inconsequentes são vigiados por gênios da mesma natureza, que se afinam com as tendências de que são portadores.

Realmente, nunca faltou proteção do Céu contra os tormentos que as almas endurecidas e ingratas semearam na Terra e os numes guardiães não se despreocupam dos tutelados; no entanto, seria ilógico e absurdo designar um anjo para custodiar criminosos. (grifo meu)

Os homens encarnados, de maneira geral, permanecem cercados pelas escuras e degradantes irradiações de entidades imperfeitas e indecisas, quanto eles próprios, criaturas que lhes são invisíveis ao olhar, mas que lhes partilham a residência.

Em razão disso, o Planeta, por enquanto, ainda não passa de vasto crivo de aprimoramento, ao qual somente os indivíduos excepcionalmente aperfeiçoados pelo próprio esforço conseguem escapar, na direção das esferas sublimes. Considerando semelhante situação, o Mestre Divino exclamou perante o juiz, em Jerusalém: Por agora, o meu Reino não é daqui e, pela mesma razão, Paulo de Tarso, depois de lutas angustiosas, escreve aos Efésios que não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas e contra as hostes espirituais da maldade, nas próprias regiões celestes.

Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

Um pouco mais adiante, no mesmo livro, Gúbio, instrutor que vai com André à cidade trevosa onde Gregório governa, mantém com aquele o seguinte diálogo:

– Oh! – exclamei em voz sussurrante – por que motivo confere o Senhor atribuições de julgadores a espíritos despóticos? Por que estará a justiça, nesta cidade estranha, em mãos de príncipes diabólicos?

Gúbio estampou na fisionomia significativa expressão e ajuntou:

– Quem se atreveria a nomear um anjo de amor para exercer o papel de carrasco? (grifo meu) Ao demais, como acontece na crosta planetária, cada posição, além da morte, é ocupada por aquele que a deseja e procura. Vagueei o olhar, em derredor, e confrangeu-se-me toda a alma. Na comunidade das vítimas, arrebanhadas aos magotes, como se fossem animais raros para uma festa, predominavam a humildade e a aflição; mas, entre as sentinelas que nos rodeavam, a peçonha da ironia transbordava.

Seguindo esta linha de raciocínio, o mau só pode ser corrigido pelo mau, podemos observar os cuidados de que se revestem os missionários que adentram os antros dominados por espíritos maldosos, pois que lá não encontrarão aliados nem simpatizantes, contando eles apenas com suas reservas de fé e de força, pois que a aplicam quando necessário. Os resgates e entendimentos feitos com tais espíritos em seus antros se revestem de zelos redobrados, posto que ali tudo lhes é favorável. Não estamos dizendo com isso que eles estão ausentes ou órfãos de Deus. Mas que Deus age através deles, que ao se atritarem constantemente, acabam por admitir a renovação pelo cansaço, sofrimento, decepção ou falta de alternativa, pois todos estamos fadados ao progresso.

A evolução é uma lei inflexível. Embora o tempo que ela proporciona a cada ser seja variado, sempre chega o momento de dar o passo seguinte em direção ao progresso. Os maus se educam através dos efeitos de suas maldades, que a eles retornam posto que a vida sempre devolve o que a ela ofertamos. Os perversos perduram em suas práticas durante um espaço de tempo proporcional às suas rebeldias. Por isso se diz que a iniquidade é sempre temporária e condenada ao fracasso e ao extermínio. Como Deus não está no mal, aquele planeta, colônia, cidade, bairro, casa impenitente, ou simplesmente indivíduo, não contam com a abundância do que Ele pode oferecer gratuitamente: bondade, beleza, misericórdia, justiça... Pode dispor apenas da bondade dos missionários que a intervalos de tempo, renunciando aos benefícios de tudo que já conquistaram em termos de bem-estar, descem aos infernos para levarem a luz da compaixão e do entendimento. Entendendo tal situação o povo poeticamente diz: o mal por si próprio se destrói.

Focando o olhar em futuro distante podemos dizer que o mal não existe, pois não está nos planos de Deus. Durante a caminhada do espírito rumo à luz, o mal vai se despedaçando, nada sobrando dele a partir de determinado ponto da estrada. Pensando longe, só se vê o bem, pois sendo o mal uma criação do homem, sem a aprovação divina, tem sempre prazo de validade breve e desaparecimento certo. Vivo nesta Terra com essa certeza, o que me dá saudade do futuro e um certo isolamento nas ilhas de paz que meu espírito constrói e nos poemas que minha alma cria.

Mas esta Terra não é totalmente má e isso nos permite a certeza de que o bem, por sintonia, atrai aqueles que vibram em seus objetivos. Que cada um busque

tão luminosa reciprocidade; utilize dos métodos que a alimenta: a oração, a ética, a honestidade, a caridade, o amor, enfim. Assim, burilando a si, fará resplandecer a luz que cada um é capaz de irradiar através do trabalho digno e do sentimento sem jaça e em breve as portas do paraíso se abrirão para seu coração renovado. A Terra não sairá desse estágio, embora tenha adentrado um outro, estando ainda no início do processo regenerativo, sem o esforço individual no limite das forças. Isso significa esforço redobrado de cada lado.

# **Médiuns no mundo espiritual**

## M

Muitas pessoas consideram que eu exagero quando divulgo nos cursos de educação da mediunidade que um médium continua sendo médium quando dorme ou quando desencarna. Por este motivo a necessidade de se preparar disciplinadamente para o desdobramento que ocorre durante o sono é imperiosa. Passamos um terço da vida dormindo e é muito natural e positivo saber e preocupar-se com o que fazemos nesse período de tempo. Lemos atrás que cada pessoa tem um desejo central ou tema básico que representa a sua aspiração mais imediata e foco de seus anseios íntimos e muitas vezes, secretos. Afirmo que quando dormimos nosso espírito continua a cultivar esse desejo e se dirige para alvo escolhido para empregar nele suas energias mais poderosas. Vai para o plano dos seus pensamentos, ou seja, para seu desejo central. Se gosta de drogas irá buscá-las; alucinado pelo sexo, aventura-se aos locais onde ele é ofertado ou obtido mediante facilidades; admirador de uma balada ou de um forró, o encontraremos lá e se amante de uma boa palestra, de estudos, certamente será visto em escolas, universidades, templos ou anfiteatros.

É como afirma Emmanuel em suas lições acerca da disciplina: o lugar mais fácil de sermos encontrados pelos bons espíritos é no trabalho. Isso porque os bons espíritos, disciplinados, orientados e armados de bons sentimentos, entendem que fora do trabalho a serviço da luz, existe sempre a certeza do fracasso e da repetição de lições malogradas. Quando o médium encarnado segue para o leito, deve orar a fim de ser encaminhado ou encaminhar-se para as estações de trabalho junto a seus instrutores. É o planejamento para o próximo encontro, o prosseguimento ou desdobramento dos casos tratados na reunião que acabou há pouco, a saída em resgate de enfermos, estudos sobre casos que precisam de aprofundamento, enfim, sempre há o que fazer e o que aprender durante o sono.

Quem se descuida desse aspecto corre sério risco de fracassar ou de não cumprir integralmente suas tarefas mediúnicas. Mas como afirmei alhures, médium dormindo continua médium, vejamos a narração do instrutor Gama contida em Libertação:

Os doadores de fluidos sublimados encontram-se a postos e a outra comissão já

veio. Entramos sem detença. Soube, de imediato, que outro grupo, constituído, aliás, por duas irmãs, ali se achava com o objetivo de receber instruções de serviço para esferas mais baixas. Cariciosa claridade azul-brilhante banhava o largo recinto adornado de flores níveas, semelhantes aos lírios que conhecemos na Terra. Não houve tempo para conversações prévias. Em seguida a saudações ligeiras e cordiais, foi composto o conjunto de oração.

Os doadores de energia radiante, médiuns de materialização em nosso plano (grifo meu), se alinhavam, não longe, em número de vinte. Comovedora partitura soou, argentina e leve, em aposento próximo, predispondo-nos à meditação de ordem superior. E logo após a prece, formosa e espontânea, pronunciada pelo responsável mais altamente categorizado na instituição, eis que a tribuna doméstica se ilumina. Esbranquiçada nuvem de substância leitosa-brilhante adensa-se em derredor e, pouco a pouco, desse bloco de neve translúcida, emerge a figura viva e respeitável de veneranda mulher. Indizível serenidade caracteriza-lhe o olhar simpático e o porte de madona antiga, repentinamente trazida à nossa frente.

Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

Notemos que o instrutor não menciona as palavras, “fluido vital” nem “ectoplasma”, pois os desencarnados não possuem ou produzem tais substâncias. Fala de fluidos sublimados, cuja composição desconhecemos. Entre nós, sabemos que o fluido vital é a energia que o espírito utiliza para transformar a matéria inorgânica em orgânica, animalizando assim a matéria. Ectoplasma é o fluido que liga e fixa o corpo espiritual ao organismo físico, portanto, utilizado em materializações de espíritos aqui entre nós, encarnados.

Vejamos no livro Ação e reação o relato extremamente milimétrico e confiável de uma clarividente:

**A enfermeira clarividente, (grifo meu) evidenciando carinho fraterno,**

**aproximou-se do infeliz e, depois de fitar-lhe a fronte demoradamente, começou: – Padre Domênico, vossa mente revela o passado distante e esse pretérito fala muito alto diante de Deus e dos irmãos em humanidade! Duvidais da Providência Divina, alegais que o vosso ministério não foi devidamente remunerado com a salvação e imprecais contra o Pai de Misericórdia Infinita... Vossa dor permanece repleta de blasfêmia e desespero, proclamais que as Forças Celestes vos abandonaram ao tenebroso fundo do abismo!**

– Vejo-vos na derradeira noite da existência carnal. Acompanho-vos em noite fria, sob fortes rajadas do vento de céu sem lua. Desviastes o passo de centro populoso e enveredais por estrada sombria de recanto suburbano. Não somente vos observo a forma física. Sinto-vos igualmente o estado emocional. Empolgado pela visão embriagante dos sentidos, penetra um lar honesto, cego por sentimento menos respeitoso para com alguém que vos ouviu, inadvertidamente, as palavras finas de sedução e malícia. Alijastes a batina escura, como quem despe incômoda capa. Envergais agora, na intimidade de pequeno salão verde, perfumado costume de casimira cinza-claro.

Absorvida por vossas referências gentis, que apenas traduzem propósitos de sensação, distantes de qualquer sentimento edificante, certa mulher cede às vossas promessas. Alguém, todavia, demora-se espreitando-vos. É um homem que se certifica da ocorrência e afasta-se, alucinado, sem que lhe identificásseis a presença. Trata-se do esposo ofendido, em dolorosa crise passional. Distancia-se, a caminho da pequena cidade próxima, tomado de dor selvagem. Penetra grande empório de bebidas e adquire um litro de vinho antigo, por alto preço. Afasta-se, angustiado, e, oculto à sombra de árvores acolhedoras, adiciona ao conteúdo do frasco pequena porção de substância venenosa, fulminante. Em seguida, espera-vos, de longe, acariciando a ideia do assassínio.

Noite alta, regressais ao presbitério e o adversário, como quem volta de ligeira viagem, saúda-vos, agradavelmente, com dissimuladas demonstrações de estima e confiança. Paira o convite ao vinho reconfortante na madrugada gélida e abris

a porta da residência paroquial. Entrais calmo. Na tepidez do interior doméstico, à frente de vasta mesa bem servida, experimentais, honrado, o vinho velho misturado a veneno destruidor. Não tivestes tempo para explicações. Ante vossos gemidos furiosos e roucos, entre esgares de sofrimento, o assassino ri-se e pronuncia aos vossos ouvidos feias palavras de maldição. Quando a respiração se fez mais opressa, o homicida pediu socorro às dependências da casa, depois de inutilizar a prova do crime, ante vossos olhos assombrados.

Precipitam-se, em vão, os servidores. Velho eclesiástico aproxima-se, no intuito de ouvir-vos. Deve ser o Monsenhor Pardini, de vossas referências. Compreendendo-vos a dificuldade para manter qualquer conversação, interroga o criminoso, que se declara vosso amigo íntimo e esclarece, fingidamente, que regressava em vossa companhia do próprio lar, onde havíeis entretido confortadora e longa palestra, junto a ele e à esposa, demorando-se aí por insistência dos dois. O criminoso, revelando piedade irônica, assegura que vos acompanhara à casa paroquial, em vista da noite alta e que demandara o interior a vosso convite, para reconfortar-se e que, em plena palestra amistosa, caístes fulminado por síncope singular.

Debalde, intentais esclarecimento. Vossa destra levanta-se e o indicador aponta o criminoso. Monsenhor Pardini aproxima-se. O homicida toma-vos a mão quase inerte e exclama: “É preciso salvar o padre Domênico! Minha esposa e eu não nos conformaríamos com semelhante perda!” O eclesiástico que vos assiste permanece sob forte emoção. Supõe ser o vingador, o companheiro desvelado da vítima e inicia o serviço dos moribundos. Endereçais supremo olhar de impassível desespero ao adversário e compreendeis o próximo fim do corpo.

Esfriam-se-vos os membros. Viscoso suor vos corre, abundante, do rosto, e, num esforço tremendo, pronunciais, de maneira quase ininteligível, uma frase: “Eu, pecador, me... confesso...” O religioso que vos acompanha, porém, fecha-vos os lábios, no intuito de poupar-vos e assevera: “Domênico, descansa em paz! Ao sacerdote reto, não se faz necessária a confissão, no alento derradeiro; ainda hoje, ministraste a sagrada partícula! Pede a Deus por nós, no Céu!” Em seguida,

concede-vos plena absolvição de todos os pecados da existência humana, tratando-vos a personalidade espiritual cheio de santa confiança.

A palavra do colega, porém, perturba-vos a consciência. No fundo, sabeis que a morte vos surpreende em doloroso abismo. Em vão, tentais receber a paz que Monsenhor Pardini vos deseja; debalde procurais desviar o olhar do envenenador que vos segue, mordaz. Vossas mãos tombam inertes. O religioso amigo segura o crucifixo que não sentis. Vossos olhos param na contemplação da última cena. Abre-se a porta da alcova espaçosa e alguns servos ajoelham-se, em pranto. Não distante, um sino toca fúnebre aviso. Amanhece. Entretanto, semi-inconsciente, fustigado pela dor e pela desesperação, não vos vejo desfrutando as claridades do novo dia que surge. Cá fora, há círios acesos e atitudes respeitadas dos paroquianos que se multiplicam, visitando-vos os despojos, após o laudo médico de bondoso facultativo que, intimamente, vos crê suicida, fornecendo, porém, explicações da “causa mortis”, como sendo fulminante ataque de angina, a fim de evitar escândalos e perturbações no círculo sempre venerável da religião.

Há pessoas que choram sinceramente e ouço comentários elogiosos ao vosso pastorejo sacerdotal. Dentro de vós, todavia, prevalece imensa noite. Gritais como o cego, ao abandono, no primeiro instante de cegueira inesperada. Porém, ninguém vos ouve. Relacionais o crime de que fostes vítima, rogais providências contra o matador, mas os ouvidos humanos, agora, permanecem noutras dimensões. Buscais o recurso de fugir, mas invencíveis grilhões vos ligam ao cadáver. Ao crepúsculo, processa-se o enterramento. Abre-se o templo suntuosamente ornamentado com flores roxas. Cânticos tristes evolvem-se do coro e toda a nave cheira a incenso. Com grande pompa em todas as minudências das exéquias, vosso corpo desce ao último abrigo. Entretanto, permaneceis ligado às vísceras decompostas... A descrição da enfermeira impressionava-me, profundamente. A entidade infeliz parecia tocada nas mais recônditas fibras do ser. Após breve espaço, Luciana prosseguiu:

– Com o sepultamento do corpo, começaram para vossa alma infinitos padecimentos. Permaneceis atormentado pela ansiedade, pela fome, pela sede,

pela dor... Não posso precisar quanto tempo gastais em semelhante angústia. Sinto, porém, que a entidade sofredora de certa mulher vos visita o sepulcro. Estende-vos braços horrendos e, sob impressão de pavor, conseguistes desatar o laço ainda restante que vos prende ao corpo disforme, fugindo a praguejar. Vosso quadro consciencial modifica-se. Recordais o drama da infortunada que vos apareceu, suplicante. Oh! Foi também vítima de vosso poder fascinador.

A leitura mental de vossas lembranças revela as particularidades da experiência final da tresloucada. Pobre mulher crédula e confiante! Vejo-a chegando ao presbitério em tempestuosa noite. Experimentais a emoção inferior do homem menos digno que sente o império absoluto sobre a presa... A pobrezinha, todavia, chora e roga-vos auxílio. Pronuncia palavras de comover corações de pedra, mostrando indefinível desalento. Percebo o que diz... Confiou excessivamente em vossas promessas e cedeu aos vossos caprichos de homem vulgar. A princípio, acreditou que não adviriam desagradáveis consequências, certa da possibilidade de fugir a quaisquer observações. Sabíeis engodar-lhe a inexperiência em assuntos afetivos e proclamáveis a inocência de semelhantes relações. Contudo, agora, anunciava-se um filhinho, preocupando-lhe o coração. Quem a socorreria? Quem lhe restauraria a paz familiar? Não seria melhor a legalização dos laços existentes? Não deveriam esperar, honrados, a dádiva de um filho abençoado por Deus? Escutastes as rogativas sem abalo moral.

Com a frieza dos homens de fraseologia brilhante, invocastes o dever sacerdotal como justificativa da impossibilidade, comentastes as convenções humanas e, por fim, propusestes a conciliação do problema, com um casamento apressado e indigno entre a vítima e o último de vossos servos. A jovem soluça convulsivamente, afirmando justa repulsa. Continuais na argumentação prudente e preciosa, mas, com evidentes sinais de loucura, a infeliz abandona-vos, precipitada, ganhando a via pública, sob a chuva torrencial... Acompanho-a. Regressa ao lar paterno, fundamente desequilibrada pelo vosso golpe impiedoso.

Ah! Que horror! Vale-se a desventurada da noite solitária e bulhenta e ingere grande dose de formicida, tentando o ato final da tragédia interior. Ninguém lhe

escuta os rugidos de sofrimento selvagem, porque os trovões ribombam no céu. Ao amanhecer, todavia, um pai aflito corre ao vosso retiro repousante e coloca-vos ao corrente do fato. Morrera-lhe a filha, misteriosamente. Como aclarar a situação? Não procedia com acerto, buscando o conselho sacerdotal? Recebeis a notícia disfarçando dificilmente a emoção, repetindo textos evangélicos para consolar o amigo confiante.

Preocupado, ponde-vos a caminho da residência enlutada. No entanto, sinto-vos perfeitamente o estado mental. Não vos aflige a perda de alguém que vos poderia estorvar a tranquilidade, preocupa-vos a descoberta de algum recurso, aparentemente digno, que vos conserve a cavaleiro da situação imprevista. Pronunciando palavras confortadoras, montastes guarda ao cadáver e chamastes médico amigo. Ei-lo que chega! Oh! É o mesmo que vos examinou, no último dia, acreditando-vos suicida! Depois de longa conversação confidencial convosco, o clínico assevera que houve morte natural, com a ruptura de vasos do coração. Recuperam o bem-estar que transparece, de novo, em vossa expressão fisionômica. Vossas referências de consolação tornam-se mais vivas e inteligentes e seguis os funerais, calmo e contrito, embora os olhos esgazeados e terríveis da suicida vos contemplem do féretro, enquanto outros vultos negros, do plano invisível aos homens comuns, vos acompanham no préstito! São almas vingadoras que vos seguem, tenazes!...

Interrompeu-se Luciana, visivelmente comovida, e, dando-nos a entender que a paisagem mental de Domênico se modificara ao influxo de outras lembranças que a narração evocava, transferiu o curso das observações no tempo.

Como se depreende da exposição dos casos acima narrados, a mediunidade não é inerente ao corpo físico, embora necessite de ajustes perispirituais para o exercício na carne. A mediunidade é espiritual, talento a ser burilado a cada dia, missão entregue ao espírito para auxiliá-lo em sua redenção espiritual o que conseguirá pelo bom uso que dela faz. E bem louco é aquele que menospreza a oportunidade ou dela se descuida sob pena de trair aqueles que nele confiaram para semear a luz sacrossanta das esferas celestiais.

# **Plasticidade perispiritual**

## O

perispírito é o instrumento de manifestação do espírito no mundo espiritual, assim como o corpo físico é o instrumento de manifestação do espírito no mundo material. Ambos são necessários à interação do espírito ao meio no qual se encontra. Esse corpo plástico e maleável que obedece ao comando da mente, própria ou de terceiros, é a base de todos os fenômenos mediúnicos. Vejamos como Kardec o define:

O perispírito é o intermediário entre o espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do espírito, pode-se dizer que o espírito quer, o perispírito transmite, e o corpo executa.

*Obras Póstumas, Allan Kardec, capítulo Da manifestação dos espíritos, item 10.*

Explicando a interação entre os perispíritos, do médium e do comunicante, Kardec sintetiza a questão neste coerente texto:

A captação de fluidos espirituais pelo médium provoca-lhe sensações, boas ou más, conforme o grau evolutivo do espírito. Atuando os fluidos sobre o perispírito, este reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo resente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa.

*A Gênese, Allan Kardec, cap. 14, item 18.*

Dentre as propriedades do perispírito, que são muitas, destaca-se a plasticidade que é definida como as alterações morfológicas que ocorrem em função dos comandos mentais do espírito. Certa feita André Luiz estava acompanhando espiritualmente uma família quando observou que uma senhora, jovem e bela fisicamente, ao se deitar em um sofá e adormecer, saiu do corpo físico mostrando o perispírito enrugado, envelhecido e feio, com a aparência de uma bruxa. Averiguemos o texto no qual ele faz o comentário:

Nesse ínterim, a pequena família se reuniu, ao redor da mesa posta, e a segunda esposa do médico me impressionou pelo apuro da apresentação. A pintura do rosto, sem dúvida, era admirável. O traje elegante e sóbrio, as joias discretas e o penteado harmonioso realçavam-lhe a profundidade do olhar, mas rodeava-se ela de substância fluídica deprimente.

Halo plúmbeo denunciava-lhe a posição de inferioridade. Socialmente, aquela dama devia ser das de mais fino trato; contudo, terminado o repasto, deixou positivamente evidenciada sua deplorável condição psíquica. Depois de uma discussão menos feliz com o marido, a jovem mulher buscou o sono da sesta, num divã largo e macio. Intencionalmente, Maurício convidou-me a espreitar-lhe o repouso e, com enorme surpresa, aturdido mesmo, não lhe vi os mesmos traços fisionômicos na organização perispiritual que abandonava a estrutura carnal, entregue ao descanso.

Alguma semelhança era de notar-se, mas, afinal de contas, a senhora tornara-se irreconhecível. Estampava no semblante os sinais das bruxas dos velhos contos infantis. A boca, os olhos, o nariz e os ouvidos revelavam algo de monstruoso.

A própria esposa desencarnada, ali presente em clamorosa revolta, não se animou a enfrentá-la. Recuou semiespavorida, tentando ocultar-se junto do filho. Lembrei-me, então, do livro em que Oscar Wilde nos conta a história do retrato

de Dorian Gray, que adquiria horrenda expressão à medida que o dono se alterava, intimamente, na prática do mal e, endereçando a Maurício olhar indagador, dele recebi sensata elucidação: – Sim, meu amigo – disse, tolerante –, a imaginação de Wilde não fantasiou.

O homem e a mulher, com os seus pensamentos, atitudes, palavras e atos criam, no íntimo, a verdadeira forma espiritual a que se acolhem. Cada crime, cada queda, deixam aleijões e sulcos horrendos no campo da alma, tanto quanto cada ação generosa e cada pensamento superior acrescentam beleza e perfeição à forma perispírica, dentro da qual a individualidade real se manifesta, mormente depois da morte do corpo denso. Há criaturas belas e admiráveis na carne e que, no fundo, são verdadeiros monstros mentais, do mesmo modo que há corpos torturados e detestados, no mundo, escondendo espíritos angélicos, de celestial formosura. Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

Desse modo, aleijões, fenômenos quais a licantropia onde o perispírito se assemelha a um lobo ou zoantropia na qual o perispírito imita formas de animais quais ursos, macacos, serpentes, dentre outros, são comuns nos antros de dor localizados no astral inferior. Formas de vampiros, a figura do demônio ou qualquer outra, pode ser explicada pela plasticidade do perispírito. Chegado a este ponto de entendimento podemos introduzir o fato escolhido para representar nosso título: plasticidade perispiritual.

...E incidindo toda a força magnética que lhe era peculiar, através das mãos, sobre uma pobre mulher que o fixava, estarecida, ordenou-lhe com voz soturna: Venha! Venha! Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele.

– Confesse! Confesse! – determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia. A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confiteor” e gritou, lacrimosa: –

Perdoai-me! Perdoai-me, ó Deus meu! E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada:

– Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no corpo... Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscase afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei no charco de mim mesma... De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou:

– Quero vinho! Vinho! Prazer!...

Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado:

– Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas?

Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório:

– A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba...

À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das

órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto. Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico.

Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

O corpo espiritual é, portanto, o reflexo, a radiografia, o cartão de identidade do momento evolutivo do espírito. Através da cor, do odor, da beleza ou ausência dela, da quintessência de sua matéria, das sensações agradáveis ou não que provoca, enfim, do bem ou do mal que não consegue esconder de si próprio, nem dos demais que possam ler sua intimidade, ele será identificado e baseado nisso, incluído em determinada escala evolutiva, o lugar que lhe cabe com justiça no caminho do progresso. Emmanuel nos resume poeticamente a questão quando afirma: Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá a luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos. (Emmanuel)

**Pode o espírito perder seu perispírito?**

## J

á vi debates acirrados sobre este tema, mas sempre baseados em opiniões pessoais, no achismo (eu acho que), mas estou convicto de que entre aqueles que se dedicam às pesquisas sérias, sejam literárias ou laboratoriais, onde o bom-senso norteia as conclusões, os resultados são atingidos com serenidade e lógica, dois importantes quesitos para quem estuda.

Nos acostumamos a interpretar o perispírito como um cartucho fluídico, único, compacto, e não como uma sequência de corpos ou revestimentos e quando descobrimos que assim ocorre, nos sentimos um pouco desapontados. Kardec adotou o modelo do cartucho único pela dificuldade que teria de explicar, de ser aceito, pelo pouco tempo que teria para argumentar, caso tivesse ampliado seu conceito. Optou por deixar a essência correta na certeza de que outros a desenvolveriam no tempo certo. Fez tal qual Jesus, que deixou a explicação de certas máximas que não seriam entendidas àquela época, a cargo dos futuros cristãos.

Quando pensamos o perispírito como uma cebola que vai perdendo cascas à medida que evolui, vemos que todas as religiões que apontam para a existência desse corpo estão corretas. O espaço onde os espíritos habitam é caracterizado por vibrações, sendo estas semelhantes às vibrações de seus habitantes, pois são justamente eles que impõem a predominância de tal faixa. O corpo perispiritual de qualquer espaço habitado deve estar sincronizado com o nível vibratório do meio no qual se encontra, de donde se deduz que no universo deve existir milhares de mundos, de faixas, de níveis, com vibrações diferentes. Portanto, perispíritos em condições diferentes.

Diferentes em cores, vibrações, odores, densidades, tamanhos, número de camadas. Podemos mesmo afirmar que não há um só perispírito que seja igual a outro, pois todos temos histórias de vida diferentes, o que impõe a cada perispírito nuances distintas. Se o admitirmos como modelo organizador biológico, cuja matriz, o corpo mental, é capaz de reproduzi-lo em caso de avaria, deformação severa qual a que ocorre com os ovóides ou até mesmo destruição parcial ou total a qual se condenam os homens-bomba ou os suicidas que se lançam sob as rodas de um comboio, acredito que estaremos mais próximos da verdade.

Em se tratando da relação “mudança de mundos x perispírito”, se o perispírito, para interagir com o meio deve estar em sintonia com o mundo onde habita em termos vibracionais e se deve obedecer a determinada faixa de vibração para ali permanecer, como não aceitar que os mundos necessitam de uma vestimenta perispiritual compatível com seus estados de vibração? Mas trocaria o espírito, de perispírito, para adentrar outro mundo? Vejamos esta questão em O Livro dos Espíritos:

93. O espírito propriamente dito vive a descoberto ou, como pretendem alguns, envolvidos por alguma substância?

– O espírito é envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para que ele possa se elevar na atmosfera e transportar-se para onde quiser.

Comentário de Kardec: Como a semente de um fruto é envolvida pelo perisperma, o espírito propriamente dito é revestido de um envoltório que, por comparação, se pode chamar perispírito.

94. De onde tira o espírito o seu envoltório semimaterial?

– Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; passando de um mundo para outro, o espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.

94. a) Dessa maneira, quando os espíritos de mundos superiores vêm até nós, tomam um perispírito mais grosseiro?

– É necessário que eles se revistam da vossa matéria, como já dissemos.

95. O envoltório semimaterial do espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

– Sim, uma forma ao arbítrio do espírito; e é assim que ele vos aparece algumas vezes, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, podendo tomar uma forma visível e mesmo palpável.

Quando o princípio inteligente é criado, já tem a seu dispor um revestimento chamado de corpo mental. Seu papel ou programação assim que inicia o despertar é o de construir um corpo astral com a finalidade de interagir com o meio, saga que leva milhares de anos. Todavia quando o completa é seu de forma definitiva. Todas as conquistas obtidas pelo espírito ficam ali gravadas constituindo sua história de vida. Quando este perispírito fica severamente avariado, a recomposição é feita através do corpo mental que tudo grava qual “caixa preta” de um avião. Não há como o espírito agir em um mundo material sem este instrumento de interação. Portanto, afirmamos que o perispírito sempre acompanha o espírito em qualquer estágio evolutivo.

Citamos que o perispírito sofre avarias. Quais tipos? Recorramos a André Luiz para a resposta:

– Em que condições o corpo espiritual de um desencarnado sofrerá compressões, escoriações ou ferimentos?

– Dentro do conceito de relatividade, isso se verifica nas mesmas condições em que o corpo físico é injuriado dessa ou daquela forma na Terra.

*Evolução em dois mundos, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

O que ocorre com o perispírito quando está fora dos padrões vibratórios já conquistados ou ainda não conquistados? Para se ter uma ideia consultemos André Luiz em sua obra *Libertação*, na qual ele e amigos se dirigem a uma cidade estranha na qual seus moradores apresentam baixas vibrações em contraste com aquelas já conquistadas pelos citados visitantes:

Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos. Elói estirou-se, ofegante, e não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo. Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a ideia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fosse obrigado a envergar inesperada armadura.

*Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

No caso inverso, ou seja, levando um espírito inferior a um plano superior, portanto, em desacordo com o seu estado vibracional, o que ele sentiria seria semelhante ao que o alpinista sofre quando se aproxima do pico do Everest: mal-estar, sensação de desmaio, falta de ar, vertigens. Seria como o homem terreno em Marte sem as devidas proteções e equipamentos.

Devemos concluir, portanto, que fora dos padrões vibratórios apresentados pelo perispírito, para mais ou para menos, ele sofrerá a pressão do meio devendo retroceder ao seu estágio vibratório atual. Quando Maria, a Mãe terrena de nosso

governador planetário, Jesus, ofereceu a Bezerra de Menezes a oportunidade de reencarnar em um planeta superior, à sua escolha, é porque ela trazia a certeza de que seus fluidos são compatíveis, por méritos, com qualquer planeta superior em determinada faixa vibratória. Teria ele que perder o perispírito? Acredito que o problema seria de compatibilizar, adaptar, retirar parte dos fluidos “terrenos” e substituir por outra da atmosfera do planeta elevado à categoria de novo lar, pois em toda parte, segundo consta em O Evangelho segundo o Espiritismo, a forma é humana. A forma dos corpos é sempre, como por toda parte, a humana, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo purificada, nos mundos superiores. (ESE cap. III)

Eis, segundo Chico Xavier o relato da ocorrência:

Em 1950, ocorre no plano espiritual uma reunião para homenagear os 50 anos de sua desencarnação. Chico Xavier, um dos convidados, relata que Bezerra achava-se naquele ambiente de luz vivendo com grande emoção aqueles momentos em que recordava dos 69 anos vividos na Terra como o Médico dos Pobres, o Irmão dos sofredores.

De repente, sob a surpresa dos que compunham a grande assembleia, de mais alto, uma estrela luminescente dá presença. Era Celina, a enviada de Maria que chega e lê a sua mensagem, promovendo Bezerra a uma tarefa maior em uma Esfera mais alta. Ele chora emocionadíssimo e ajoelha-se agradecendo entre lágrimas, a graça recebida, suplicando-lhe, por intermédio de sua enviada sublime, para ficar no seu humilde posto, junto a Terra, a fim de continuar atendendo seus irmãos terrestres que tantas provas lhe dão de estima.

O espírito luminoso de Celina sobe às esferas elevadas de onde veio e se dirige à Mãe Celestial, submetendo à sua apreciação o pedido de seu servo agradecido. Daí a instantes, volta e traz a resposta de Maria, Mãe de Jesus. – “Que sim, que Bezerra ficasse no seu Posto o tempo que quisesse e sempre sob suas bênçãos!”.

Vamos, pois ao cerne de nosso assunto, a perda do perispírito:

De outras vezes, raras aliás, tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual (grifo meu), conquistando planos mais altos. A esses missionários, distinguidos por elevados títulos na vida superior, não me foi possível seguir de perto.

– Sabes, assim, que o vaso perispirítico é também transformável e perecível (grifo meu), embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita.

Libertação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

No caso de ovoidização, André, também se manifesta:

Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu o seu corpo espiritual (grifo meu), transsubstanciando-se num corpo ovoide, o que ocorre, aliás, a inúmeros desencarnados outros, em situação de desequilíbrio, cabendo-nos notar que essa forma, segundo a nossa maneira atual de percepção, expressa o corpo mental da individualidade a encerrar consigo, conforme os princípios ontogenéticos, da criação divina, todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma, nos círculos terrestres e espirituais, assim como o ovo, aparentemente simples, guarda hoje a ave poderosa de amanhã, ou como a semente minúscula que conserva nos tecidos embrionários a árvore vigorosa em que se transformará no porvir.

*Evolução em dois mundos, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Notamos que em grande parte dos casos pode haver apenas uma adaptação. Não custa recordar que quando falamos em grandes avarias ou até mesmo na destruição do perispírito, estamos nos referindo a uma camada apenas, perfeitamente recuperável pela matriz invulnerável chamada de corpo mental. Muitas pessoas ficam confusas com esse estudo. Mas é importante contextualizar o tema. O perispírito é formado pelo princípio inteligente em duras batalhas por milhares de anos. Se impressos nele estão todos os automatismos, a anatomia, a fisiologia dos sistemas... como poderia perder todas essas conquistas e recomeçar a aprendizagem com a formação de outro perispírito compatível com a região aonde for enviado? Não seria mais lógico, ao passar de um mundo para outro, conservar a fôrma e preenchê-la ou revesti-la com os fluidos do novo mundo havendo apenas uma adaptação biológica? Baseado na questão 94a de O Livro dos Espíritos, não ocorreria apenas perda de fluidos, de revestimentos ou de cascas como no exemplo da cebola citado acima? Vemos que na ocasião em que espíritos mais elevados necessitam se materializar no plano espiritual para proferirem palestras apenas se revestem dos fluidos doados pelos médiuns. Suas aparências continuam as mesmas e por isso são reconhecidos. Nesse caso foi colocado sobre eles mais uma casca que eles retiram quando voltam ao lar.

Desse contorcionismo mental podemos deduzir que o perispírito não é um cartucho fluídico compacto, mas composto por camadas. Com a evolução espiritual ele vai perdendo essas divisões sem jamais ficar a descoberto, ou seja, ele nunca perde seu revestimento. No estudo espírita tratamos o perispírito como um revestimento único, razão pela qual temos dificuldades em entender determinados fenômenos. O perispírito pode suportar avarias e até sofrer destruição completa (da camada) podendo ser refeito pela atuação do corpo mental. Na ovoidização, nos suicídios graves tais como lançar-se sob as rodas de um trem, explodir o corpo com dinamite, lançar combustível sobre o corpo e atear fogo, o perispírito (a camada) pode necessitar de reparos bem profundos ou de uma completa reconstituição. Em resumo: quando André Luiz fala que alguém perdeu o perispírito está se referindo à camada mais próxima do corpo físico, restando outras ainda a revestirem o espírito. Assim será até que nos últimos estágios da evolução espiritual permaneça apenas uma camada muitíssimo etérea a confundir-se com o próprio espírito.

# Volitação

## N

o espiritismo, chamamos de volição ou volitação a capacidade que tem o espírito, sob certas condições e de acordo com o seu grau evolutivo, de poder elevar-se do solo e transportar-se deslocando-se numa espécie de voo. É, portanto, uma capacidade inerente ao espírito, desde que conquiste as condições exigidas para seu exercício, resumidas na elevação intelecto-moral, conquista difícil e longa.

Cada vício é um visgo que prende o espírito à matéria. Orgulho, vaidade, egoísmo... são âncoras que o mantêm preso ao solo. Mas se ele se despe de tais lastros se transporta aonde quiser ou lhe for determinado, sob a ação e o impulso de sua própria vontade, com a velocidade do pensamento. Analisemos a descrição de André Luiz a fim de obtermos subsídios para nossas conclusões:

Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volitação não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas, e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo.

Calderaro (o instrutor) porém, explicou. Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os voos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural.

... É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que: os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

No limiar das cavernas (umbral), renteando-nos a frente, levitava-se pesado grupo de seres monstruosos, fazendo ensurdecedor ruído, e logo esqueci o uxoricida que me prendera a atenção. Calderaro (o instrutor), percebendo-me a perplexidade, explicou:

Este bando de espíritos miseráveis, que se movimentam como lhes é possível, é constituído de antigos negociantes terrenos, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro para satisfazer a própria cupidez, sem beneficiar a ninguém. O ouro, que transitoriamente lhes pertencia, jamais serviu para semear a gratidão num só companheiro de jornada humana.

Famintos de fortuna fácil, inventaram mil recursos de monopolizar os lucros grandes e pequenos, em nada lhes interessando a paz do próximo. Foram homens de pensamento ágil, sabiam voar mentalmente a longas distâncias, garantindo êxito absoluto às empresas materiais que levavam a termo com finalidade exclusivamente egoística. Não lhes incomodava o sofrimento dos vizinhos, ignoravam as dificuldades alheias, despreocupavam-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma.

Queriam unicamente acumular vantagens financeiras, e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacanho coração... Escravizados, agora, à ideia fixa de ganhar sempre, voam pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão.

– Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Detalhando o que foi lido, podemos dizer que quanto mais o espírito avança em moralidade, menos denso se torna o seu perispírito. Sendo a densidade um fator de suma relevância para a volitação, forçoso é admitir que é uma prioridade superá-la. Uma outra necessidade para dominar esse processo é o conhecimento acerca do tema. Através do estudo, conhecidas as dificuldades envolvidas na tarefa, especialistas habilitados nesta arte ou ciência podem buscar soluções tecnológicas que lhes possibilitem superar obstáculos. Sabiamente o espiritismo aconselha a seus adeptos o estudo detalhado da doutrina e a sua aplicação como estilo de vida. Abre duas largas avenidas nas quais os espíritas devem caminhar sem cansaço. O amor e a instrução formam uma dupla imbatível na evolução espiritual. Todavia, mesmo com conhecimento e elevação moral o espírito pode encontrar dificuldades na volitação a depender do meio no qual se desloca. Em regiões nas quais seus habitantes possuem vícios degradantes, a atmosfera é pegajosa, fumarenta, trevosa, por assim dizer. Isso dificulta a volitação. Podemos fazer a seguinte comparação: se alguém nada em um mar sereno e sem poluição, seu deslocamento é célere, mas passando para um lago de piche praticamente ficará paralisado. Em plano secundário podemos ainda contabilizar como condição hostil, embora com menor gravidade, a presença de condições atmosféricas e de gravidade hostil, tais como tempestades eletromagnéticas, temperatura extremada para baixo ou para cima, explosões vulcânicas, dentre outras.

Busquemos em O Livro dos Espíritos e no comentário de Miramez à pergunta 89 a fim de obtermos mais subsídios para o desenvolvimento do tema:

89. Os espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

– Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.

*O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.*

Certamente que o espírito gasta algum tempo para percorrer distâncias, no entanto, essa velocidade tem variações infinitas, de acordo com a evolução da alma. Existem determinados espíritos tão materializados, que os seus meios de locomoção são os mesmos dos homens e, por vezes bem piores, bem como há entidades altamente evoluídas, que viajam grandes distâncias com a velocidade do pensamento. Não podemos determinar uma velocidade igual para todos os espíritos, pois que cada um se encontra em uma faixa evolutiva, considerando que a volitação depende de determinados processos interiores, que cada alma sabe usar para seu proveito próprio e, certamente, em favor dos que carecem dos seus trabalhos espirituais.

Encontramos espíritos angélicos que escondem sua própria iluminação para ajudar aos que se encontram nas sombras, sendo que seus poderes internos são os mesmos e podem, pelas forças adquiridas, conduzir muitas entidades, transportando-as das regiões inferiores para as casas de reajustamento espiritual. Em determinados casos, usam meios de locomoção primitiva, desde que achem conveniente tal meio. Igualmente existem aparelhos eletromagnéticos, no mundo dos espíritos, que também são usados para esses trabalhos, sendo muito usados em assistência aos que sofrem e em transportes usuais.

Se o espírito evoluído rasga os espaços e tem a velocidade do pensamento, podemos raciocinar como Deus está em toda parte permanentemente e como Jesus está presente onde alguém se reúne em nome dele, em qualquer lugar da Terra.

O espírito é uma chama divina, consciente, e o pensamento é seu atributo, cuja força pode levá-lo aonde quer que seja, desde que tenha condições para tais viagens. O universo é uma casa grande, mas nem todos os espíritos podem andar nos departamentos desta casa de Deus. Existem muitos limites, de acordo com a posição da alma na escala a que pertence. Há muitos espíritos que, ao desencarnarem, não saem das casas onde viveram como encarnados; outros, ficam ligados aos despojos nos cemitérios, e outros, ainda, ficam perambulando pelas ruas e lugares que se afinizaram com os seus sentimentos. O ódio em demasia faz pesar o corpo espiritual; assim a inveja, o ciúme, a maledicência, o orgulho e o egoísmo, de modo que a volitação fica difícil para essas entidades e os seus corpos ficam chumbados ao solo terreno.

O pensamento é uma propriedade elástica do espírito e seus poderes ultrapassam as pálidas deduções dos homens. Dependendo de quem pensa, podem os pensamentos, emitidos em determinados lugares, trazer de volta à mente as imagens e as impressões do ambiente que se deseja e deste modo ficar sabendo o que se passa. A força mental do espírito superior é como um verdadeiro milagre, sob o comando da sua vontade. O poder da mente do espírito puro é sem limites, porém, mesmo dotado de todas essas conquistas, respeita, dentro da ordem do universo, os seus irmãos menores, que estão passando por certos aprendizados, sob o controle da dor. Todavia, há casos em que eles intervêm com a misericórdia de Deus, em nome da mesma lei de justiça, ajudando aos que sofrem, quando a condição do sofredor pede esse amparo, para que possa servir melhor, aproveitando oportunidade difícil de ser granjeada. Os recursos são diversos e Deus é amor.

*Filosofia espírita, vol. II, Miramez, psicografia de João Nunes Maia.  
Comentário à questão 89 de O Livro dos Espíritos.*

Para ilustrar tão magnífico fenômeno conta-nos Miramez, em sua obra Francisco de Assis, o deslocamento de Antônio de Pádua, da Itália para Portugal, com a finalidade de salvar seu pai acusado falsamente de um crime:

Certa feita, Antônio de Pádua estava pregando na Itália para grande multidão de fiéis, quando para de súbito e fica imóvel. Os ouvintes, reconhecendo os dons do santo, ficaram a esperar em silêncio profundo, por saberem que o místico de Pádua poderia estar em colóquio com os céus. Naquele mesmo momento, em Portugal, seu pai, o sr. Martinho de Bulhões estava sendo condenado injustamente pela morte de um homem.

O pregador franciscano, usando de recursos de ubiquidade, aparece no tribunal e propõe-se a defender o réu. As suas palavras sobremaneira eloquentes, acalmaram as testemunhas mais irritadas, fazendo-as pensar no crime que estavam cometendo, ao afirmarem mentiras diante de um tribunal, visando a umas poucas moedas. Aquelas pessoas compradas antes de consolidarem o macabro crime, pensaram: essa morte foi tão escondida, que qualquer um pode ser o criminoso. Como se enganam os ignorantes; nada, mas nada na face da Terra, ficará oculto que não seja anunciado.

Ninguém engana a Deus, assim como inocentes verdadeiros não serão atropelados pelo destino; ninguém recebe o que não merece. Antônio, depois de argumentar em defesa do pai, partiu da teoria racional para a prática: – Digníssimo senhor juiz e caríssimos irmãos que nos ouvem neste tribunal de justiça humana, falo-vos como se fosse na presença de Deus em aliança com Jesus Cristo. Depois que conversamos, com certeza ficastes conscientes da inocência deste réu, mas é bom que provemos a verdade que vos falo. Haveis de perguntar! Como? Eu vos peço, em nome da lei, que me acompanheis até o cemitério; eu vou falar com o morto. Ele será a melhor testemunha da questão em vigência. Olhou dentro dos olhos do juiz e ordenou com brandura: – Vamos, meu senhor, porque a lei nada teme desde quando a verdade apareça. Este, não

resistindo, levantou-se. E Antônio, continuando a olhar para os assistentes, tornou a falar:

– Vamos em nome de Jesus Cristo!

Mas não foram muitos os que acompanharam Antônio ao cemitério; poucos bastaram para registrar na história, onde um defunto salvou o réu da prisão. Após provar a inocência do pai, Frei Antônio andou com o povo alguns passos, desaparecendo sem que este o percebesse, retornando ao seu corpo na Itália, recomeçando seu sermão. O povo quase estático esperava a mensagem de esperança, para eles que sofriam na pele, o dragão do desespero. Antônio demorara um pouco na sua viagem espiritual; no entanto, como foi fazer uma caridade, os companheiros espirituais ficaram dando assistência aos ouvintes na Itália, até que este chegasse para novamente falar-lhes.

*Francisco de Assis, Miramez, psicografia de João Nunes Maia.*

Antônio de Pádua foi evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas para explicar este fenômeno, ocasião em que assim se expressou:

– Poderias dar-nos a explicação desse fenômeno?

– Sim. Quando o homem se desmaterializou completamente por sua virtude, tendo elevado sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a algum lugar. Seu espírito ou sua alma, como quiseres, abandona então o corpo, seguido de uma porção do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte porque o corpo

permanece ligado ao perispírito e a alma à matéria, por um liame que não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejas saber.

*O Livro dos Médiuns, Allan Kardec, cap. 7.*

O tema aqui é a ubiquidade, que é a condição de estar presente ao mesmo tempo em mais de um lugar. Mas para ele, visto em dois lugares ao mesmo tempo, o deslocamento pelo espaço está implícito. Concluimos que a volitação é um meio natural de deslocamento do espírito pelo espaço, condicionado, naturalmente, ao seu estado evolutivo. Quanto mais elevado em sua condição intelecto-moral, mais rápido ele se transporta, no dizer dos mentores, atingindo a velocidade do pensamento, que é bem maior que a velocidade da luz, tida por Einstein com a máxima que um corpo pode atingir ao deslocar-se pelo espaço. Podemos diferenciar volitação de levitação, sendo esta última definida como elevação de qualquer corpo ao espaço pela anulação da gravidade. Cecília Meireles, excelente poetisa brasileira, queria para sua vida, liberdade de voar num horizonte qualquer e liberdade de pousar onde o coração quisesse. Isso resume as aspirações de todos nós.

# **A questão do mérito**

## M

uitas pessoas boas, mas com certa dose de ingenuidade sobre a maldade humana, julgam que diante de um ato de bondade dirigida a pessoas más abrir-se-ão as portas pétreas e calcinadas de corações treinados no mal. Esquecem que existem atores, fingidores contumazes, hipócritas de profissão, que juram inocência e respeito às leis humanas e divinas sem se importarem de enlodar com seus andrajos e excrecências os abrigos e templos que os bons e os vontadosos no bem levaram anos para erguer.

Quem visita uma cadeia vai ouvir centenas de pedidos de livramento sob a argumentação de inocência. Em missão no umbral para resgate de algum sofredor escolhido por seus méritos para mudar de ares, os mentores escutam gritos de clemência, perdão e caridade, de outros, mas seguem adiante. Os ouvidos dos bons espíritos não se deixam influenciar por melodramas sem fundamentação moral. É preciso desejar com sinceridade a reforma íntima, arrepender-se do mal praticado e ter vontade firme de mudança. As lágrimas precisam ser sinceras e os gemidos francos.

O povo costuma taxar as lágrimas falsas de lágrimas de crocodilo, isso porque este réptil ao engolir uma presa pressiona a glândula lacrimal liberando o fluido. Seus olhos estão sempre bem lubrificados e isso dá a impressão de choro. Pois bem, lágrimas de crocodilo é o que não faltam neste vasto mundo. No trato com espíritos renitentes no mal levados à reunião de desobsessão, o tratamento é enérgico desde a captura. Chegam algemados, dentro de redes de contenção, sob lanças agudas a vigiar-lhes os passos. Na minha adolescência vi, certa feita, meu professor falar calmo e evangelicamente por mais de dez minutos e nenhum efeito provocar em uma entidade comunicante muito endurecida. Ele parecia ter uma couraça que refletia, sem deixar penetrar uma letra sequer daqueles ensinamentos que outros enfermos adoravam ouvir.

Conheço espíritas que não admitem sequer que chamem determinada entidade, comprovadamente endurecida na maldade, de espírito mau, admitindo quando muito a pecha de ignorante, irmão menos feliz, coitadinho... Até parecem aquelas pessoas dos direitos humanos que sofrem e choram pelo fraticida que mata para roubar, com requintes de violência, mas se esquecem daquele que foi roubado e assassinado.

Então Tibiriçá, pedindo licença para falar ocupou outro médium e com aquela voz trovejante que o caracteriza disse: Sabe porque você está onde não quer, ouvindo o que não quer? Porque está fora da lei. E ninguém é forte fora da lei! Agora desfaz o trabalho sem mais conversa e não finge que esqueceu um grão de areia sequer senão vai conhecer o peso do chicote indígena. O meliante ficou uma seda. Desfez tudo silenciosamente sem nenhum murmúrio e ao final teve que ficar na tribo alguns dias sob a disciplina nativa.

A partir de então, havendo decorado a frase monumental de Tibiriçá, ninguém é forte fora da lei, a tenho usado com a mesma energia que o cacique usou naqueles idos dias da minha adolescência. Quando a violência é exacerbada, ao final do diálogo ordeno que se entregue ao cacique e permaneça ajoelhado no canto da parede, pois tentar correr será queda imediata.

Sempre que me refiro a este tema, e o faço com frequência devido a estes questionamentos sobre a caridade que muitos fazem sem uma análise profunda da maldade humana, arranjo um jeito de introduzir no texto, o escrito de Pascal que deixa mais luminoso o livro da vida a que chamamos de O Evangelho segundo o Espiritismo. É um excelente texto para lembrar que se alguém não tem méritos, está fora da Lei, está vulnerável, desprotegido e vai dormir na rua. Aí está ele. Encante-se em meditá-lo:

O homem não possui como seu, senão aquilo que pode levar deste mundo. O que ele encontra ao chegar e o que deixa ao partir, goza durante sua permanência na Terra; mas, desde que é forçado a deixá-los, é claro que só tem o usufruto, e não a posse real. O que é, então, que ele possui? Nada do que se destina ao uso do corpo, e tudo o que se refere ao uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Eis o que ele traz e leva consigo, o que ninguém tem o poder de tirar-lhe, e o que ainda mais lhe servirá no outro mundo do que neste. Deste depende estar mais rico ao partir do que ao chegar neste mundo, porque a sua posição futura depende do que ele houver adquirido no bem. Quando um homem parte para um país longínquo, arruma a sua bagagem com objetos de uso nesse país e não se carrega de coisas que lhe seriam inúteis. Fazei, pois, o mesmo, em relação à vida futura, a provisionando-vos de tudo o que nela vos poderá servir.

Ao viajante que chega a uma estalagem, se ele pode pagar, é dado um bom alojamento; ao que pode menos, é dado um pior; e ao que nada tem, é deixado ao relento. Assim acontece com o homem, quando chega ao mundo dos espíritos: sua posição depende de suas posses, com a diferença de que não pode pagar em ouro. Não se lhe perguntará: Quanto tínheis na Terra? Que posição ocupáveis? Éreis príncipe ou operário? Mas lhe será perguntado: O que trazeis? Não será computado o valor de seus bens, nem dos seus títulos, mas serão contadas as suas virtudes, e nesse cálculo o operário talvez seja considerado mais rico do que o príncipe. Em vão alegará o homem que, antes de partir, pagou em ouro a sua entrada no céu, pois terá como resposta: as posições daqui não são compradas, mas ganhas pela prática do bem; com o dinheiro podeis comprar terras, casas, palácios; mas aqui só valem as qualidades do coração. Sois rico dessas qualidades? Então, sejas bem-vindo, e teu é o primeiro lugar, onde todas as venturas vos esperam. Sois pobre? Ide para o último, onde sereis tratados na razão de vossas posses.

ESE, Allan Kardec.

Feito este prólogo para enfrentarmos o tema foquemos em André Luiz.

Enquanto nos entendíamos, reparávamos lá fora, através do material transparente de larga janela, a convulsão da Natureza. Ventania ululante, carreando consigo uma substância escura, semelhante a lama aeriforme, remoinhava com violência, em torvelinho estranho, à maneira de treva encachoeirada. E do corpo monstruoso do turbilhão terrível rostos humanos surgiam em esgares de horror, vociferando maldições e gemidos. Apareciam de relance, jungidos uns aos outros como vastas correntes de criaturas agarradas entre si, em hora de perigo, na ânsia instintiva de dominar e sobreviver. Druso, tanto quanto nós, contemplou o triste quadro com visível piedade a marcar-lhe o semblante. Fixou-nos em silêncio como a chamar-nos para a reflexão. Parecia dizer-nos quanto lhe doía o trabalho naquela paragem de sofrimento, quando Hilário interrogou: – Por que não descerrar as portas aos que gritam lá fora? Não é este um posto de salvação?

– Sim – respondeu o instrutor, sensibilizado —, mas a salvação só é realmente importante para aqueles que desejam salvar-se. E, depois de pequeno intervalo, continuou:

– Para cá do túmulo, a surpresa para mim mais dolorosa foi essa, o encontro com feras humanas, que habitavam o templo da carne, à feição de pessoas comuns. Se acolhidas aqui, sem a necessária preparação, atacar-nos-iam de pronto, arrasando-nos o instituto de assistência pacífica. E não podemos esquecer que a ordem é a base da caridade (grifo meu). Apesar da explicação firme e serena, concentrava-se Druso no painel exterior, tal a compaixão a desenhar-se-lhe na face. Logo após, recompondo a expressão fisionômica, o instrutor aduziu:

– Somos hoje defrontados por grande tempestade magnética, e muitos caminheiros das regiões inferiores são arrebatados pelo furacão como folhas secas no vendaval.

– E guardam consciência disso? – indagou Hilário, perplexo.

– Raros deles. As criaturas que se mantêm assim desabrigadas, depois do túmulo, são aquelas que não se acomodam com o refúgio moral de qualquer princípio nobre. Trazem o íntimo turbilhonado e tenebroso, qual a própria tormenta, em razão dos pensamentos desgovernados e cruéis de que se nutrem. Odeiam e aniquilam, mordem e ferem. Alojá-los, de imediato, nos santuários de socorro aqui estabelecidos, será o mesmo que asilar tigres desarvorados entre fiéis que oram num templo.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Ainda quanto à aplicação da caridade pincemos, da obra Nosso Lar, mais um exemplo de seu uso racional e prudente.

– Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas.

– E por que não a atendeu? – interrogou a enfermeira.

O servidor fez um gesto de escrúpulo e explicou:

– Segundo as ordens que nos regem, não pude fazê-lo, porque a pobrezinha está rodeada de pontos negros.

– Que me diz? – revidou Narcisa, assustada.

– Sim, senhora.

– Então, o caso é muito grave.

Curioso, segui a enfermeira, através do campo enluarado. A distância não era pequena. Lado a lado, via-se o arvoredo tranquilo do parque muito extenso, agitado pelo vento caricioso. Havíamos percorrido mais de um quilômetro,

quando atingimos a grande cancela a que se referira o trabalhador.

Deparou-se-nos, então, a miserável figura da mulher que implorava socorro do outro lado. Nada vi, senão o vulto da infeliz, coberta de andrajos, rosto horrendo e pernas em chaga viva; mas Narcisa parecia divisar outros detalhes, imperceptíveis ao meu olhar, dado o assombro que estampou na fisionomia, ordinariamente calma.

– Filhos de Deus – bradou a mendiga ao avistar-nos – dai-me abrigo à alma cansada! Onde está o paraíso dos eleitos, para que eu possa fruir a paz desejada?

Aquela voz lamuriosa sensibilizava-me o coração. Narcisa, por sua vez, mostrava-se comovida, mas falou em tom confidencial:

– Não está vendo os pontos negros?

– Não! – respondi.

– Sua visão espiritual ainda não está suficientemente educada.

E, depois de ligeira pausa, continuou:

– Se estivesse em minhas mãos, abriria imediatamente a nossa porta; mas, quando se trata de criaturas nestas condições, nada posso resolver por mim

mesma. Preciso recorrer ao Vigilante-Chefe, em serviço.

Assim dizendo, aproximou-se da infeliz e informou, em tom fraterno:

– Faça o obséquio de esperar alguns minutos. Voltamos apressadamente ao interior. Pela primeira vez, entrei em contato com o diretor das sentinelas das Câmaras de Retificação. Narcisa apresentou-me e notificou-lhe a ocorrência. Ele esboçou um gesto significativo e ajuntou:

– Fez muito bem, comunicando-me o fato. Vamos até lá.

Dirigimo-nos os três para o local indicado. Chegados à cancela, o irmão Paulo, orientador dos vigilantes, examinou atentamente a recém-chegada do umbral, e disse:

– Esta mulher, por enquanto, não pode receber nosso socorro. Trata-se de um dos mais fortes vampiros que tenho visto até hoje. É preciso entregá-la à própria sorte (grifo meu).

Senti-me escandalizado. Não seria faltar aos deveres cristãos abandonar aquela sofredora ao azar do caminho? Narcisa, que me pareceu compartilhar da mesma impressão, adiantou-se suplicante:

– Mas, irmão Paulo, não há um meio de acolhermos essa miserável criatura nas Câmaras?

– Permitir essa providência – esclareceu ele –, seria trair minha função de vigilante. E indicando a mendiga que esperava a decisão, a gritar impaciente, exclamou para a enfermeira:

– Já notou, Narcisa, alguma coisa além dos pontos negros?

Agora, era minha instrutora de serviço que respondia negativamente.

– Pois vejo mais – respondeu o Vigilante-Chefe.

Baixando o tom de voz, recomendou:

– Conte as manchas pretas.

Narcisa fixou o olhar na infeliz e respondeu, após alguns instantes:

– Cinquenta e oito.

O irmão Paulo, com a paciência dos que sabem esclarecer com amor, explicou:

– Esses pontos escuros representam cinquenta e oito crianças assassinadas ao

nasceram. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma criancinha aniquilada, umas por golpes esmagadores, outras por asfixia. Essa desventurada criatura foi profissional de ginecologia. A pretexto de aliviar consciências alheias, entregava-se a crimes nefandos, explorando a infelicidade de jovens inexperientes. A situação dela é pior que a dos suicidas e homicidas, que, por vezes, apresentam atenuantes de vulto.

Recordei, assombrado, os processos da medicina, em que muitas vezes enxergara, de perto, a necessidade da eliminação de nascituros para salvar o organismo materno, nas ocasiões perigosas; mas, lendo-me o pensamento, o irmão Paulo acrescentou:

– Não falo aqui de providências legítimas, que constituem aspectos das provações redentoras, refiro-me ao crime de assassinar os que começam a trajetória na experiência terrestre, com o direito sublime da vida.

Demonstrando a sensibilidade das almas nobres, Narcisa rogou:

– Irmão Paulo, também eu já errei muito no passado. Atendamos a esta desventurada. Se me permite, eu lhe dispensarei cuidados especiais.

– Reconheço, minha amiga – respondeu o diretor da vigilância, impressionando pela sinceridade que todos somos espíritos endividados; entretanto, temos a nosso favor o reconhecimento das próprias fraquezas e a boa vontade de resgatar nossos débitos; mas esta criatura, por agora, nada deseja senão perturbar quem trabalha. Os que trazem os sentimentos calejados na hipocrisia emitem forças destrutivas. Para que nos serve aqui um serviço de vigilância? (grifo meu)

E, sorrindo expressivamente, exclamou:

– Busquemos a prova.

O Vigilante-Chefe aproximou-se, então, da pedinte e perguntou:

– Que deseja a irmã, do nosso concurso fraterno?

– Socorro! Socorro! Socorro! – respondeu lacrimosa.

– Mas, minha amiga, ponderou acertadamente, é preciso sabermos aceitar o sofrimento retificador. Por que razão tantas vezes cortou a vida a entezinhos frágeis, que iam à luta com a permissão de Deus?

Ouvindo-o, inquieta, ela exibiu terrível carantonha de ódio e bradou:

– Quem me atribui essa infâmia? Minha consciência está tranquila, canalha! Empreguei a existência auxiliando a maternidade na Terra. Fui caridosa e crente, boa e pura...

– Não é isso que se observa na fotografia viva dos seus pensamentos e atos. Creio que a irmã ainda não recebeu, nem mesmo o benefício do remorso. Quando abrir sua alma às bênçãos de Deus, reconhecendo as necessidades próprias, então, volte até aqui.

Irada, respondeu a interlocutora:

– Demônio! Feiticeiro! Sequaz de Satã... Não voltarei jamais... Estou esperando o céu que me prometeram e que espero encontrar.

Assumindo atitude ainda mais firme, falou o Vigilante-Chefe com autoridade:

– Faça, então, o favor de retirar-se. Não temos aqui o céu que deseja. Estamos numa casa de trabalho, onde os doentes reconhecem o seu mal e tentam curar-se, junto de servidores de boa vontade.

A mendiga objetou atrevidamente:

– Não lhe pedi remédio, nem serviço. Estou procurando o paraíso que fiz por merecer, praticando boas obras.

E, endereçando-nos dardejante olhar de extrema cólera, perdeu o aspecto de enferma ambulante, retirando-se a passo firme, como quem permanece absolutamente senhor de si. Acompanhou-a o irmão Paulo com o olhar, durante longos minutos, e, voltando-se para nós, acrescentou:

– Observaram o vampiro? Exibe a condição de criminosa e declara-se inocente; é profundamente má e afirma-se boa e pura; sofre desesperadamente e alega tranquilidade; criou um inferno para si própria e assevera que está procurando o

céu.

Ante o silêncio com que lhe ouvíamos a lição, o Vigilante-Chefe rematou:

– É imprescindível tomar cuidado com as boas ou más aparências. Naturalmente, a infeliz será atendida alhures pela bondade Divina, mas, por princípio de caridade legítima, na posição em que me encontro, não lhe poderia abrir nossas portas.

A falta de méritos atinge milhões de desencarnados no além que se tornam escravos de inteligências maldosas. São suicidas, assassinos, viciados em sexo, drogas, violência, enfim, pessoas sem méritos. Esse artigo é um alerta para todos. Não é preciso apenas trabalhar, mas, sobretudo, trabalhar para o bem. Se a ordem é a base da caridade, como abrigar predadores da paz em nossa casa? Como abrir as portas do nosso lar ou do nosso coração para o erro? Que Deus, o Senhor da Vida e da misericórdia nos inspire em todos os passos desta jornada, a fim de que não venhamos a nos defrontar com uma negativa diante de alguma hospedaria na qual se implora repouso e um prato de comida. Que nos deixe sangrar as mãos, os pés, mas conserve nossa vontade firme de não manchar nossa alma diante das falsas promessas e falsos ensinamentos. Que seja eternamente o nosso pastor, pois assim teremos a certeza de que nada nos faltará.

# **Mediunidade com Jesus**

## M

ediunidade, como sabiamente se divulga, é a faculdade humana que permite àquele que a possui ostensivamente, comunicar-se com o plano espiritual. Neste episódio, o instrutor Alexandre faz uma palestra para grande número de médiuns, encarnados e desencarnados, espíritas e espiritualistas, embasando o cerne da questão nos pilares da disciplina, compromisso e amor ao trabalho.

Segundo Emmanuel, em sua obra *O consolador*, a primeira necessidade do médium é evangelizar-se se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão. Não existe conselho mais sábio, pois com o evangelho no coração elegerá as companhias espirituais compatíveis com o sucesso de sua missão. O estudo é o segundo e impreterível passo. O amor e a instrução são as duas asas que elevam o espírito aos planos celestiais iluminados. Ciente de que é no trabalho que mais facilmente encontrará os bons espíritos, o buscará em tempo disponível, em vigília ou liberto pelo sono.

Conquistando esse patamar deverá manter sua humildade em qualquer situação a que seja levado a atuar, pois segundo Jesus, aquele que quiser ser o maior no reino dos céus, seja o que mais serve. Não tenha ele a pretensão de infalibilidade, pois perfeito só o Pai celestial, embora devamos buscar a perfeição a cada passo. Um bom lembrete para se manter alerta no campo mediúnicamente é a advertência contida em *O Livro dos Médiuns* que alerta sobre a fragilidade humana:

Qual seria o médium que poderíamos considerar perfeito?

– Perfeito? É pena, mas bem sabes que não há perfeição sobre a Terra. Se não fosse assim, não estarias nela. Digamos antes bom médium, e já é muito, pois são raros. O médium perfeito seria aquele que os maus espíritos jamais ousassem fazer uma tentativa de enganar. O melhor é o que, simpatizando com os bons espíritos, tem sido enganado menos vezes.

– Se ele simpatiza apenas com os bons espíritos, como estes permitem que seja enganado?

– Os espíritos bons permitem que os melhores médiuns sejam às vezes enganados, para que exercitem o seu julgamento e aprendam a discernir o verdadeiro do falso. Além disso, por melhor que seja um médium, jamais é tão perfeito que não tenha um lado fraco, pelo qual possa ser atacado. Isso deve servir-lhe de lição. As comunicações falsas que recebe de quando em quando são advertências para evitar que se julgue infalível e se torne orgulhoso. Porque o médium que recebe as mais notáveis comunicações não pode se vangloriar mais do que o tocador de realejo, que basta virar a manivela do seu instrumento para obter belas árias.

*O Livro dos Médiuns – Allan Kardec.*

Se Jesus é nosso guia e modelo, como não procurar segui-lo ou tomá-lo como mestre nas questões da mediunidade bem como em qualquer outra? A doutrina espírita joga toda sua força na reforma moral dos indivíduos. O próprio Kardec deixou a definição de espírita muito clara para os seguidores dessa doutrina: reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações.

Os caminhos apontados por nossos professores são didaticamente perfeitos e sem margem para segundas interpretações. Não introduzindo nosso personalismo ao ingressarmos no espiritismo e deixando que ele penetre em nós, obteremos sucesso em nossa evolução intelecto-moral. Isso foi o que o instrutor Alexandre procurou enfatizar em sua palestra, cujo fragmento transcrevemos abaixo:

– Mediunidade – prosseguiu ele, arrebatando-nos os corações – constitui “meio de comunicação”, e o próprio Jesus nos afirma: “eu sou a porta... Se alguém

entrar por mim será salvo e entrará, sairá e achará pastagens!” Por que audácia incompreensível imaginais a realização sublime sem vos afeiçoardes ao Espírito de Verdade, que é o próprio Senhor? Ouvi-me, irmãos meus! Se vos dispondes ao serviço divino, não há outro caminho senão ele, que detém a infinita luz da verdade e a fonte inesgotável da vida! Não existe outra porta para a mediunidade celeste, para o acesso ao equilíbrio divino que anelais no recôndito santuário do coração! Somente através dele, vivendo-lhe as sublimes lições, alcançareis a sagrada liberdade de entrar nos domínios da Espiritualidade e deles sair, conquistando o pão eterno que vos saciará a fome para sempre. Sem o Cristo, a mediunidade é simples “meio de comunicação” e nada mais, mera possibilidade de informação, como tantas outras, da qual poderão assenhorear-se também os interessados em perturbações, multiplicando presas infelizes. Lembrai-vos, contudo, de que a lei divina jamais endossou o cativo e nunca sancionou a escravidão! Esquecestes a palavra divina que pronunciou: “vós sois deuses”?

*Missionários da luz, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Esse chamamento à responsabilidade, diuturnamente proferido pelos bons espíritos àqueles que se dedicam ao trabalho espiritual, deve vibrar profundamente nos corações e mentes daqueles que aspiram servir ao bem. O bem está à disposição de qualquer pessoa independente de quem seja ou do que faça. Quando Jesus afirmou ser o caminho, a verdade e a vida, que é tudo quanto necessitamos para viver e crescer para Deus, deixou claro não haver outra opção melhor do que seguir seus ensinamentos. Jesus não falava dele, de sua pessoa, mas do que ele trouxe como valor inestimável para a evolução dos espíritos.

Veio ensinar-nos a como viver sofrendo menos, pois sendo cada vício, material ou moral, fator de atraso e de aprisionamento espiritual, retardo, portanto, no trajeto de subida da alma, ao aconselhar o desapego aos bens materiais, a não cultivar o orgulho, a vaidade, o egoísmo e todo o séquito de paixões inferiores que esses vícios trazem, apontou-nos a liberdade de voar sem lastros para a alvorada de uma nova era. Trouxe-nos as tábuas da lei dos mundos felizes, abriu-nos as portas do reino dos céus em definitivo para quem tivesse a coragem e o prazer de segui-lo.

Portanto, meus irmãos candidatos à mediunidade. Não desperdicem essa oportunidade de serviço, um dos maiores bens da vida, com querelas ou repouso demasiado. Mãos no arado que o solo é fértil; o passado não pode ser mudado a não ser pelo trabalho digno no presente; por isso o Mestre disse que aquele que põe a mão no arado e olha para trás ainda não está apto ao reino de Deus. Estudo e trabalho! Se o trabalho é o amor feito visível, o estudo é o amor que torna possível a materialização do sonho. Caminhem para a frente e para o alto, usem a vigilância e a oração como hábitos, amem-se e amem aos seus irmãos e muito breve atingirão as portas do paraíso.

# **A divina colmeia**

## C

erta feita, fazendo uma palestra na Universidade Estadual de Maringá, na qual explicava a formação e as modelações do perispírito, ao final da exposição uma das professoras me fez a seguinte pergunta: o que o senhor acha da ideia de considerar o corpo humano constituído por trilhões de princípios inteligentes, cada um deles encarnado em uma célula, todos trabalhando em função da harmonia dos mesmos e sob a regência de um princípio inteligente mais elevado, no caso nós, seres humanos?

Eu já havia pensado naquela hipótese quando lera *Evolução em dois mundos* de André Luiz, e no momento disse que não compraria aquela ideia, pela quantidade imensa de princípios inteligentes que ela geraria sob a supervisão de um só espírito.

Eu pensava em termos terrenos. Somos sete bilhões de encarnados com talvez quatro vezes mais de desencarnados esperando uma chance para encarnar. Onde colocar tantos espíritos quando chegassem ao período de humanização?

Fiz um rápido cálculo mental: cada ser humano tem cerca de 50 trilhões de células. Digamos que existam aproximadamente 30 bilhões de indivíduos entre encarnados e desencarnados no planeta. Ora 50 trilhões vezes 30 bilhões gera o número 15 seguido de 23 zeros.

Aquele número estratosférico, capaz de desnorrear qualquer estudante de um curso secundário, me empurrou para uma negativa imediata. A senhora calou-se e eu voltei no avião com aquela pontinha de dúvida, admirando aquela mulher que tirara da quarentena assunto tão delicado. Muitas vezes não são as respostas certas que nos impulsionam para o progresso, mas as perguntas certas. A dúvida é o aríete da descoberta. Quanto mais estudamos mais dúvidas se apresentam e isso é perfeitamente normal. Quem diz que não tem dúvidas demonstra pouco saber.

Tenho essa mania de deixar assuntos de quarentena até que algo me obrigue a encará-los com mais altivez. Chegando a casa resolvi começar pela releitura do *Evolução em dois mundos*, obra na qual encontrara pela primeira vez essa proposta. Comecei a reler com cuidado, pois as páginas já amareladas, de 1958,

herdadas de meu velho professor Mário Rocha, não permitiam mais anotações paralelas, outro antigo costume que tenho e que é censurado pelos amantes dos bons livros. Detive-me no seguinte texto:

Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo.

*Evolução em dois mundos, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e de Waldo Vieira.*

Pareceu-me que a professora também havia deixado o assunto em quarentena. Pelo que entendi da explicação de André Luiz, células individuais abrigaram por muitos séculos o princípio inteligente, mas, posteriormente, se uniram para a formação de colônias, partindo para a especialização de tarefas e divisão de trabalho formando um indivíduo plural, sob o comando de um princípio inteligente em estágio mais avançado.

No início da vida no planeta, as células contendo cada uma delas um princípio inteligente, dominaram a paisagem planetária, mas ao se unirem levaram consigo os princípios inteligentes que as regiam, formando um aglomerado celular sob a regência de um princípio inteligente mais avançado, provavelmente aqui aportado com essa missão.

Esse princípio inteligente mais avançado definia tarefas, desenhava a morfologia, planejava a fisiologia, enfim, comandava o avanço biológico do ser na construção definitiva de sua vestimenta. Essa ideia de sermos uma colmeia comandada por uma rainha, um princípio mais evoluído, depois de algum tempo me pareceu simpática, principalmente quando entendemos que o universo é infinito; que as distâncias entre planetas são imensas e entre galáxias, descomunais; que os planetas a serem habitados contam-se aos bilhões e bilhões

que Deus cria sem parar.

Atualmente todos os estudos no campo da biologia apontam para a autonomia da célula.

Desde que ela tenha um núcleo funciona nos moldes do conjunto total que constitui o ser humano, ou seja, possui estrutura funcional equivalente ao nosso sistema nervoso, digestivo, excretor, respiratório, endocrinológico, muscular, esquelético, circulatório, tegumentar, reprodutivo, e até mesmo algo parecido com nosso sistema imunológico, porém mais primitivo que utiliza uma família de proteínas semelhantes a anticorpos.

Bruce Lipton, A biologia da crença.

Portanto, somos indivíduos compostos por princípios que buscam individualizações. Mesmo que um desses princípios inteligentes que formam uma pequenina parte de um órgão nosso, uma célula, seja retirada do conjunto e colocada em ambiente que lhe faculte a sobrevivência, ela continuará vivendo.

Talvez não realize o que antes constava em seu plano de ação devido à diretriz do princípio inteligente mais avançado estar ausente, e ao desaparecimento dos meios que deveriam ser somados aos seus na tarefa que desempenhava. Mas ela sobreviverá e procurará por todos os meios ao seu alcance movimentar recursos para que se efetive esta sobrevivência.

É consenso entre os estudiosos espíritas, encarnados e desencarnados, que a criação e a evolução do ser ocorre através de um processo lento no qual ele se aperfeiçoa em inteligência e se modela em formas e funções, em grande parte sob a supervisão de entidades superiores.

Vejamos a opinião de alguns pesquisadores desta área, iniciando por Allan Kardec, o notável cientista que condensou suas observações em obras de inestimável valor que servem como substrato ao estudo doutrinário espírita. Em O Livro dos Espíritos, responde a uma indagação sobre este tema:

607. Dissestes que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

– Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.

a) Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

– Já não dissemos que tudo na Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconhecei a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as Suas criaturas.

b) Esse período de humanização principia na Terra?

– A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.

Allan Kardec reforça o que já fora dito em O Livro dos Espíritos, quando editou em 1868 A Gênese, já com mais de uma década de estudos espíritas, estando, portanto, convicto da verdade que assinalava:

*O espírito não chega a receber a iluminação divina sem antes haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização.*

Emmanuel, em texto extraído do livro psicografado por Chico Xavier, Aulas da vida, endossa as afirmativas anteriores afirmando o processo evolutivo já descrito:

*O animal, igualmente, para atingir a auréola da razão, deve conhecer benemérita e comprida feitura de experiências que terminarão por integrá-lo na posse do raciocínio.*

André Luiz, que tanto contribuiu com suas obras subsidiárias para a evolução do pensamento espírita, também se associou aos demais citados.

O princípio espiritual caminha sem detença para a frente, viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Gabriel Delanne, em sua obra genial, *A evolução anímica*, defende que a alma para adquirir todas as suas qualidades positivas e também negativas, sendo estas selecionadas ao longo da sua evolução, passa por todas as espécies primárias, partindo dos unicelulares para os pluricelulares com ápice na espécie humana.

Há, portanto, consenso nesta ideia. Uma universalidade que lhe concede status de teoria, afastando-a do campo da mera hipótese. Mas ela não é somente lógica e racional. É também bela e poética, justa e de conformidade com a lei de evolução, uma das maestrinas do planeta.

Aponta para uma utilidade dos animais, interpretados e utilizados como “coisas” pelo raciocínio cartesiano que os consideram sem almas. Definindo-os como seres em evolução, princípios inteligentes na caminhada que deságua na humanidade, futuros espíritos em aquisição de conhecimentos, modeladores de seus corpos astrais, companheiros daqueles que já lograram através desse mesmo caminho um estágio mais alto, temos enfim, um caminho mais humano não apenas para os animais, mas para a própria ciência.

Remontando ao nascedouro do planeta, quando serenavam as violentas ondas de calor e de choques promovidas pelo estalar dos vulcões e o calor das lavas que derretiam tudo à sua passagem, quando os mares eram quais geleias mornas trabalhando os elementos na fornalha da vida, eis que aporta na Terra o princípio inteligente.

Assim André Luiz nos apresenta o início da história evolutiva do espírito, futuro habitante terreno. Segundo a ciência, o universo, ou este universo no qual vivemos, pois se especula a existência de outros, teve origem com uma grande explosão chamada de Big Bang.

O sistema solar e, conseqüentemente, a Terra, não são tão antigos quanto os outros sistemas que a astronomia já detectou e analisou. Estes podem ter quase quinze bilhões de anos enquanto que a Terra não fez ainda 5 bilhões de anos, portanto bem mais nova do que o restante do Cosmo. A pedra mais antiga já encontrada na superfície terrestre, a Gnaiss Acasta, localizada no Canadá conta

com 4,05 bilhões de anos.

Uma das hipóteses, talvez até já aceita como teoria, uma vez que foi comprovada através de experiências em laboratórios, foi desenvolvida por Miller ao simular as condições existentes na Terra primitiva, segundo pesquisas de Oparin e Haldane.

Miller criou em laboratório um sistema fechado, onde introduziu os principais gases supostamente existentes na atmosfera. Eram eles hidrogênio, amônia e metano, adicionados de vapor d'água. Através de descargas elétricas e uma sucessão de aquecimentos e condensações de água foram obtidos alguns aminoácidos. O modelo de Miller demonstrou que seria possível o aparecimento de moléculas orgânicas através de reações químicas produzidas na atmosfera, utilizando compostos nela existentes. Sem estas moléculas orgânicas não haveria como a vida surgir nos padrões que a conhecemos.

No Período Cambriano, cerca de 540 milhões de anos atrás, imensos mares dominavam a paisagem terrena. As águas ricas em carbono e nitrogênio, aquecidas pelas atividades dos vulcões e batidas por severas descargas elétricas originárias da atmosfera carregada, possibilitaram à Natureza um grande número de experiências que culminariam no surgimento dos seres vivos.

Nessa fase laboratorial a que a história chamou de explosão Cambriana da vida, a seleção natural ia eliminando as experiências malsucedidas e aprovando as que se adaptavam às condições reinantes no planeta. Em verdade o princípio inteligente, em busca de adequação, em resposta às exigências do meio, iniciava seu longo curso de construção e modelação de sua vestimenta astral e física.

Espanta aos cientistas, ainda hoje, a maneira pela qual a célula é autônoma como se uma inteligência oculta a direcionasse do seu nascimento à sua morte. Tal qual o ser humano que aprende com as experiências bem ou malsucedidas, a célula vai formando seu banco de dados, sua memória que é transmitida às suas descendentes, verdadeiros clones de si próprias. Observemos como uma célula trabalha na defesa de si própria e do conjunto da qual é integrante.

Quando o vírus do sarampo infecta uma criança, suas células ainda não amadurecidas são colocadas em ação para criar um anticorpo de proteína protetor e combatê-lo. Nesse processo as células criam num novo gene que

servirá de padrão para a fabricação de anticorpos contra o sarampo.

O primeiro passo para gerar um gene de anticorpos ocorre no núcleo das células imunológicas imaturas. Em seus próprios genes há um grande número de segmentos de DNA que contêm códigos de fragmentos moldados de proteínas. Recombinando e moldando aleatoriamente esses segmentos, as células imunes criam uma vasta gama de genes que formam uma proteína única de anticorpos. Então quando uma célula imune imatura produz uma proteína de anticorpos que seja um complemento físico “semelhante” ao do vírus do sarampo, aquela célula é ativada.

Células ativadas utilizam um mecanismo muito interessante chamado “maturação de afinidade”, que lhes permite “ajustar” de maneira muito precisa o formato de sua proteína de anticorpos, para que ela seja um complemento perfeito para vírus como o do sarampo.

... Quando o anticorpo esculpido se une ao vírus, desabilita-o e o marca para ser destruído, protegendo a criança do sarampo. As células criam então um “arquivo” com as informações genéticas desse anticorpo para que todas as vezes que o organismo for invadido pelo vírus do sarampo elas possam responder imediatamente. O novo gene de anticorpos pode também ser passado a todas as novas gerações em seu processo de divisão. Assim, elas não apenas “aprendem” sobre o vírus do sarampo, como criam um arquivo a ser herdado e propagado entre a sua prole.

*A biologia da crença, Bruce Lipton.*

Todos os seres vivos vieram de uma única célula, melhor dizendo, de indivíduos unicelulares. Durante um longo tempo, segundo os cientistas, 2,75 bilhões de anos, os unicelulares viveram tranquilos em nossos rios, lagos e mares.

Apresentavam-se como bactérias, algas e protozoários, exercitando-se na laboriosa tarefa de construir uma vestimenta compatível e em harmonia com as exigências do meio.

As plantas e os animais surgiram a partir de 750 milhões de anos através de um esforço extra de associação em colônias. A vida exigia esta associação, divisão de trabalho, especialização, união de forças voltadas para a sobrevivência e perpetuação da espécie.

Era preciso dominar o meio, ocupá-lo, extrair dele o alimento necessário, adaptar-se às condições reinantes. Como tais condições não podiam ser mudadas pelos seres, estes deveriam desenvolver mecanismos de adaptação. Ora, um indivíduo isolado tinha limitações gigantescas para esta tarefa, mas unido a outros aumentaria sua capacidade de entendimento e de busca de recursos para a solução dos variados problemas a serem superados.

A união de células permitiu a especialização de funções e maior eficiência nas mesmas. O ser unicelular precisa responsabilizar-se pela alimentação, locomoção, excreção, reprodução, defesa, dentre outras, gerando com isso uma sobrecarga de energia que diminui seu tempo de vida, prejudica sua qualidade e dificulta o aperfeiçoamento de suas tarefas.

É como uma dona de casa atarefada ou o gerente de uma firma com mil problemas a resolver, tendo que solucioná-los sozinho. Quando eles se unem a auxiliares, utilizam a divisão de trabalho, delegam responsabilidades, sobra tempo para pensar na melhoria dos métodos e execuções de tarefas.

Seria realmente este o pensamento de André Luiz? Seríamos como colmeias gigantescas com uma inteligência disseminada por todo o corpo, com partes autônomas, pois seriam programadas e comandadas pelo espírito, ser inteligente ali alojado?

Todo o estudo da biologia atual aponta para esta inteligência celular, para esta superlativa sabedoria da natureza, pois não precisamos impulsionar o sangue para que corra nas veias, programar o coração para que fique batendo, preocupar-nos com o oxigênio que invade os pulmões e os resíduos que serão eliminados; temos sistemas autônomos.

Ainda somos aprendizes em início de curso. Que Deus nos ilumine a inteligência para que não venhamos a cair nas armadilhas das palavras e, muito menos, das

ações.

# **O fenômeno mediúnico**

## M

uitos médiuns exercem sua missão mediúnica sem saberem exatamente como esse fenômeno se passa entre eles e os comunicantes. Sempre enfatizamos o estudo da mediunidade para aqueles que o vivenciam a fim de evitarem transtornos em suas comunicações tais quais o animismo, a mistificação, a obsessão e outras mazelas equivalentes. André Luiz, na tentativa de esclarecer ou simplificar o fenômeno o compara com um circuito elétrico, em seu livro *Mecanismos da mediunidade*. Vejamos o texto:

GERADOR MEDIÚNICO – Idealizemos o fluxo de energias mento-eletromagnéticas, ou fulcro de ondas da entidade comunicante e do médium, como dois campos distintos, associando valores positivos e negativos, respectivamente, com uma diferença de potencial que, em nosso caso, constitui certa capacidade de junção específica. Estabelecido um fio condutor de um para o outro que, em nosso problema, representa o pensamento de aceitação ou adesão (grifo meu) do médium, a corrente mental desse ou daquele teor se improvisa em regime de ação e reação, atingindo-se o necessário equilíbrio entre ambos, anulando-se, desde então, a diferença existente, pela integração das forças conjuntas em clima de afinidade. Se quisermos sustentar o continuísmo de semelhante conjugação, é imprescindível conservar entre os dois um gerador de força, que, na questão em análise, é o pensamento constante de aceitação ou adesão da personalidade mediúnica (grifo meu) através do qual se evidencie, incessante, o fluxo de energias conjugadas entre um e outro, porquanto a corrente de forças mentais, destinada à produção desse ou daquele fenômeno ou serviço, circulará no condutor mediúnico em razão do campo de energias mento-eletromagnéticas existente entre a entidade comunicante e a individualidade do médium.

*Mecanismos da mediunidade, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Ao trabalhar neste tema, existência do fenômeno mediúnico, cito costumeiramente a exigência de duas premissas básicas: afinidade fluídica e sintonia vibratória. Para que a comunicação se faça, temos que contar, primeiramente, com a disponibilidade de uma semelhança fluídica entre o médium e o comunicante. Caso ela não ocorra e a necessidade de aquele espírito se comunicar através daquele médium seja imperiosa, os mentores forçam essa afinidade através de uma prévia imantação fluídica, que é o contato antecipado, (falo aqui do período de tempo que antecede a sessão mediúnica, um ou dois dias), entre o espírito e o médium com a finalidade de provocar e ativar a assimilação fluídica. Por isso, às vezes, o médium em casa sente náuseas, dor de cabeça ou outro sintoma que não é seu, mas do espírito que está a ele atrelado para forçar uma semelhança fluídica.

A facilidade de uma comunicação mediúnica depende da semelhança entre os dois fluidos, que também vai estabelecer a intensidade da assimilação fluídica e as impressões causadas ao médium, ou seja, quanto mais semelhantes os fluidos, mais o médium sentirá o drama e o retratará com fidelidade.

Quanto à sintonia vibratória podemos dizer que pessoas de moral semelhantes se atraem e de moral contrária se repelem. Para um espírito assimilar o pensamento de outro necessita estar emitindo ondas na mesma frequência vibratória. Ora, mas vemos todos os dias, espíritos de baixa moral se comunicarem através de médiuns de moral mediana, em flagrante contraste entre as sintonias de ambos. Segundo André o pensamento de aceitação ou de adesão do médium é a condição mais importante para que o fenômeno ocorra. Aceitação e adesão significam, em outras palavras, por parte do médium, forçar uma sintonia momentânea, permitindo, mesmo sem concordar, o que será dito, uma vez que ele está ali, naquela hora e função, para aquele trabalho de transmissão. Ele faz sintonia através do seu trabalho, como quem diz: Jesus eu estou aqui para trabalhar! Aproveite meu talento como lhe aprouver. Sabemos que o médium é um intérprete, e no bom sentido, é o que ele faz, repassa uma mensagem sem, contudo, na maioria das vezes, pactuar com ela.

No entanto, quanto maior for a sintonia entre médium e comunicante, mais facilidade ambos terão; aquele em interpretar e este em relatar o fato, resultando disso maior fidelidade na mensagem. Isto nos indica que a sintonia precisa existir em algum grau, pois sem ela, a comunicação não se fará. Raciocinemos: se quanto melhor for a sintonia, mais fiel a mensagem, no sentido inverso, ou seja, quanto menor a sintonia, menor confiabilidade, se a distância entre uma e

outra for elevada, a tendência é a incompatibilidade. Como? O comunicante dirá Zé e o médium nada ouvirá, e se ouvir algum ruído, poderá interpretar como Cazuza.

É por essa razão, distância ou incompatibilidade entre as sintonias, que determinados espíritos, tais quais Bezerra de Menezes, Emmanuel, dentre outros, se utilizam do que chamamos de telemediunidade, na qual um espírito superior atua à distância, tendo como intermediário um outro espírito em condições vibratórias menos elevadas. Nesse caso, o superior lança a ideia e outro espírito a capta e reduz a frequência das ondas. E assim, nesse movimento de descida, qual corrente elétrica que sai da hidroelétrica e vem passando por transformadores nas subestações até chegar em nossas casas na voltagem segura, a mensagem chega a um espírito com sintonia compatível com o médium.

Mediunidade se assenta em sintonia. Para saber que tipo de companhias espirituais alguém compartilha basta uma breve averiguação nos seus pensamentos. O vigiai e orai aconselhado por Jesus aí encontra vasta aplicação, pois é na vigilância dos pensamentos que abrimos ou fechamos as portas de acesso às companhias espirituais indesejáveis. É pelo pensamento que elegemos os livros, os lugares, os divertimentos, as afeições e o destino futuro. Aliando pensamento, sintonia e mediunidade, Emmanuel nos traz belíssima página para reflexão:

Alinhando alguns apontamentos em torno da mediunidade, consideramos que não seria correto esquecer o problema da sintonia.

Mediunidade é ... força mental, talento criativo da alma, capacidade de comunicação e de interpretação do espírito, ímã no próprio ser.

Sintonia é acordo mútuo. Eis porque, examinando a mediunidade e sabendo que a sintonia se lhe faz inerente, se possível ousaríamos perguntar:

Sintonia para quê e com quem?

Parafrazeando o antigo provérbio “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”, concluiremos que basta a pessoa explicar onde repetidamente está para sabermos que objetivos ela procura e basta notarmos com quem anda para que saibamos com quem essa mesma pessoa deseja se parecer.

Através do exposto, reconheceremos que todo aquele coração que palpita e trabalha no campo dos ensinamentos de Jesus, a Jesus se assemelhará.

*Mediunidade e sintonia, Emmanuel, psicografia de Chico Xavier.*

Em se tratando de mediunidade só vale a pena exercê-la em aliança com Jesus. Caso contrário, nem tente, porque o prejuízo é breve e certo. Na espiritualidade, os méritos não são contabilizados por posses ou títulos, mas pelo que se consegue realizar com este patrimônio. O tempo é tesouro inesgotável. Retire um pouco dele para esmerilhar sua mediunidade e verá o quanto a vida retribuirá já no dia seguinte e muito mais na vida eterna.

# **O corpo mental**

## O

corpo mental é o arquivo que contém todas as reminiscências vinculadas ao espírito, síntese de sua vida, enciclopédia completa de todas as suas atuações, desde o despertar do princípio inteligente. Ele tem a aptidão de organizar, gravar e arquivar cada experiência, mostrando seus desdobramentos e influências que delas surgiram. Ampliam-se através dele todas as faculdades da alma, desde o desenvolvimento do instinto até o predicado da razão. Estão registrados no corpo mental todas as imagens, fatos, pensamentos e emoções, podendo ser evocados e até harmonizados em caso de desequilíbrios. Uma boa pesquisa sobre este corpo foi feita pelo Instituto Brasileiro de Benemerência e Integração do Ser – Ibbis, da qual transcrevo pequeno trecho:

O Dr. Hippolyte Baraduc médico francês e L. Lefranc são os principais pesquisadores do Corpo Mental, o quarto elemento do complexo humano, sendo que Lefranc isolou também a quinta unidade – O Corpo Causal, não contemplado, em detalhes, nos nossos estudos iniciais sobre o tema. Elementos ou unidades que representam camadas ou campos de transição sucessivos e ascensionais, cada vez mais sutis ou quintessenciados unindo em um processo hierárquico de vibração e gradação, o corpo físico grosseiro ao espírito eterno. O perispírito é a somatória de todos esses campos ou corpos e não apenas uma de suas unidades. Obrigatoriamente por definição e constituição tem de ser heterogêneo porque caso fosse homogêneo a parte que viesse a ligar o liame grosseiro ao espírito (corpo físico ao sutil), seriam da mesma natureza e composição, não havendo razão de existir, porque nesse caso o espírito poderia se ligar diretamente ao corpo físico sem intermediários.

Nos processos de exteriorização do corpo mental, a maioria dos passivos e médiuns videntes que serviam de testemunhas e controle das experiências, várias vezes repetidas, por inúmeros pesquisadores, viam o Corpo Astral desdobrado envolvido principalmente na região da cabeça, por um globo de intensa luminosidade, o Corpo Mental, que espalhava por todo o ambiente as suas irradiações. O Corpo Mental é por definição o envoltório sutil da mente. Tem a

forma ovalada ou ovoide, que define por sua importância e regência, a forma da totalidade da nossa aura. E é por essa mesma razão que os espíritos que perderam os corpos mais densos por monodeísmo e permaneceram envolvidos apenas pela túnica mental são chamados de ovoides ou esféricos.



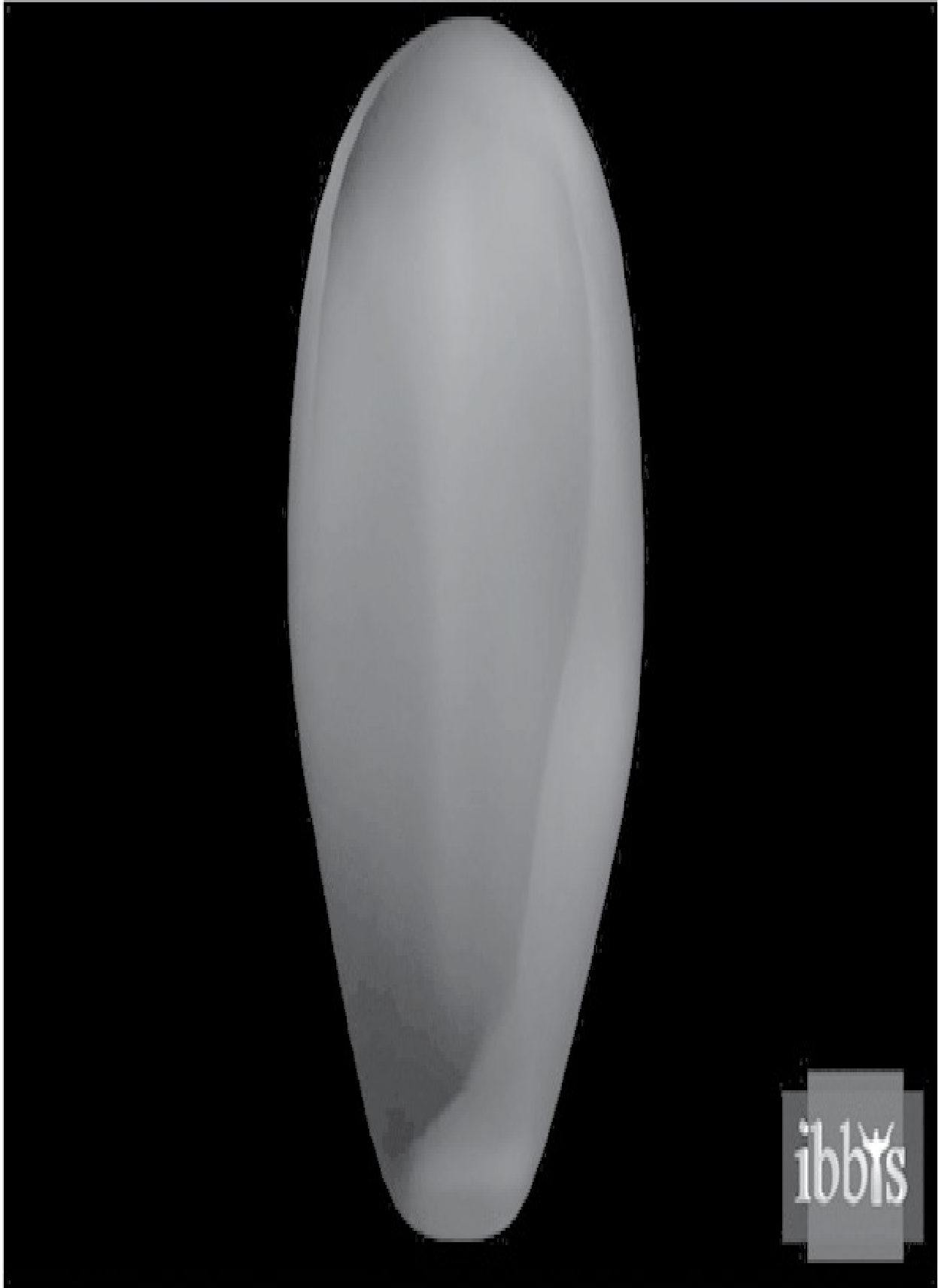


Imagem do corpo mental:

<http://www.ibbis.org.br/imagensecomentarios/o-corpo-mental/>

**Instituto Brasileiro de Benemerência e Integração do Ser,**

**consultado em maio de 2018.**

Recorramos aos apontamentos sobre o corpo mental lendo a nota escrita por André Luiz em seu livro *Evolução em dois mundos* abaixo transcrita:

O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre.

*Evolução em dois mundos, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Mas André, também, fez outro relato que se atrela à existência desse corpo no livro *Nosso Lar*, ocasião em que descreve uma visita feita à sua genitora em plano mais elevado. Neste ele se desdobra em corpo mental, no plano espiritual, o que médiuns encarnados já fazem em nossas reuniões mediúnicas com maestria.

Recolhido ao quarto confortável e espaçoso, orei ao Senhor da Vida

agradecendo-lhe a bênção de ter sido útil. A “proveitosa fadiga” dos que cumprem o dever não me deu ensejo a qualquer vigília desagradável. Daí a instantes, sensações de leveza invadiram-me a alma toda e tive a impressão de ser arrebatado em pequenino barco, rumando a regiões desconhecidas. Para onde me dirigia? Impossível responder. A meu lado, um homem silencioso sustinha o leme. E qual criança que não pode enumerar nem definir as belezas do caminho, deixava-me conduzir sem exclamações de qualquer natureza, extasiado embora com as magnificências da paisagem. Parecia-me que a embarcação seguia célere, não obstante os movimentos de ascensão.

Decorridos minutos, vi-me à frente de um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com especial carinho: – André! André!

Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo. Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inexcedíveis.

O sonho não era propriamente qual se verifica na Terra. Eu sabia, perfeitamente, que deixara o veículo inferior no apartamento das Câmaras de Retificação, em “Nosso Lar”, e tinha absoluta consciência daquela movimentação em plano diverso. Minhas noções de espaço e tempo eram exatas. A riqueza de emoções, por sua vez, afirmava-se cada vez mais intensa.

*Nosso Lar, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Divaldo Pereira Franco, no livro *Mediunidade – encontro com Divaldo*, fala a

respeito do corpo mental; outras doutrinas, como o budismo, a teosofia, o esoterismo, estabeleceram que teríamos sete corpos superpostos e, entretanto, Allan Kardec, optou por uma tríade, por ser mais compacta, mas não podemos negar que exista o chamado corpo mental, que está naturalmente aderido ao perispírito.

Como resultado do avanço do espiritismo feito através das obras subsidiárias, e pelo estudo sério de cientistas e pesquisadores, a existência desse corpo é inquestionável. Resta-nos aprofundar com a ajuda dos desencarnados, através de grupos de estudos sérios, tão inestimável recurso de deslocamento e de realizações espirituais.

# Doutrinação

## D

outrinação é uma técnica criada por Allan Kardec com a finalidade de humanizar o diálogo com pessoas infelizes e enfermas, tratadas como loucas ou possuídas pelo demônio como costumeiramente os exorcistas procediam. Ao esclarecer que não era o demônio, mas simplesmente um espírito em desacordo com o perseguido, geralmente em busca de vingança, optou sabiamente por dialogar sem preferência de lados (obsessor – obsidiado), pois já havia notado que em grande número de casos, o perseguido de hoje foi o perseguidor de ontem.

Mesmo podendo alguns espíritos receber recursos atinentes à sua saúde no plano espiritual, uma boa parte se encontra sem condições de atendimento devido ao grau de materialidade que lhes impedem de ver e ouvir a ajuda que poderia vir da parte dos enfermeiros e médicos espirituais. Importante frisar que o contato com os fluidos do médium, o que chamamos de choque anímico, os despertam abrindo-lhes os canais auditivos e visuais obliterados permitindo-lhes percepções antes ignoradas.

Segundo anotações de André Luiz, como ocorreu a ele próprio, muitos trazem a mente em teor vibratório semelhante aos encarnados e por esse motivo encontram no encarnado, médium a seu dispor, por ocasião do transe mediúnico, uma semelhança que lhes permitem ajustamento, posto que transitam a mesma faixa de impressões. Além do mais, como na doutrinação lidamos com espíritos imperfeitos e imperfeitos sendo, também, nós doutrinadores, formamos uma sintonia muito mais fácil do que se atendêssemos diretamente aos bons espíritos ou por eles fôssemos atendidos. Sintamos nas palavras de André, um pouco do comportamento que deve caracterizar o doutrinador em sua atuação espírita.

I. Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento.

Verdade! A doutrinação não se faz apenas no campo do intelecto, mas, sobretudo, no campo do sentimento. Se o obsessor não sentir a vibração dos

bons sentimentos revestindo as palavras (ver o atendimento de Cipriana no capítulo seguinte, o poder do amor), ele não se permite tocar. Aquela fresta pequenina que deveria ser a entrada ou o início do entendimento permanecerá, no mais das vezes, fechada diante de palavras semanticamente perfeitas, mas sem o revestimento do aconchego.

II. O esclarecimento aos desencarnados sofredores se assemelha à psicoterapia e a reunião é tratamento em grupo, na qual, sempre que possível, deverão ser aplicados os métodos evangélicos.

O evangelho de Jesus é a base e a argumentação do diálogo. Como o evangelho tem por objetivo elevar a autoestima, fortalecer a esperança, revigorar a fé, deve ser, em qualquer tipo de diálogo, a essência.

III. A parte essencial ao entendimento é atingir o centro de interesse do espírito preso a ideias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, sendo de todo impróprio, por causa disso, qualquer discurso ou divagação desnecessária.

Nada de preciosismo ou de verborragia desnecessária. Ouvir o problema com interesse e apreendendo a síntese do drama, partir para o aconselhamento evangélico utilizando o ensinamento adequado ao momento.

IV. Os manifestantes desencarnados, seja qual for sua conduta na reunião, são, na realidade, espíritos carecedores de compreensão e tratamento adequados, a exigir paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais.

Que não fique ansioso o doutrinador, não tente adivinhar o drama com interrupções apressadas. Demonstre calma e confiança, pois em nenhum

momento estará sozinho nesta função. Seus auxiliares desencarnados, mentores da casa, amigos espirituais procurarão intuí-lo nas palavras certas.

V. Cada espírito sofredor deve ser recebido como se fosse um familiar nosso extremamente querido; agindo assim, acertaremos com a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração.

O amor é sempre o melhor anfitrião. Receba o comunicante com vibrações de paz, trate-o como irmão para que ele se sinta bem acolhido. Ninguém resiste ao carinho por muito tempo, principalmente se estiver carente dele. Em muitos casos, isso de nada adianta da primeira vez, mas o amor é como água gotejante; fura até pedra bruta.

VI. Pelo que ouça do manifestante, o esclarecedor deduzirá qual o sexo a que o espírito comunicante tenha pertencido na precedente existência, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal.

Importante que saiba dessa informação. Isso direciona seu esclarecimento de maneira mais segura e o comunicante não o terá como alguém desinformado ou incompetente diante de detalhe tão básico.

VII. Os problemas de animismo ou de mistificação inconsciente que porventura surjam no grupo, devem ser analisados sem espírito de censura ou de escândalo, cabendo ao dirigente fazer todo o possível para esclarecer com paciência e caridade os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos.

A afetividade deve ser trabalhada intensamente no grupo. É necessário que todos se vejam e se sintam irmãos. Se confiam uns nos outros não haverá margem para

melindres nem discussões inoperantes. Os problemas dessa monta deverão ser tratados dentro da naturalidade que eles exigem, sem, contudo, minimizá-los ou deixá-los ao largo. As soluções serão encontradas no estudo e na confiança cultivada por cada um em particular e no grupo como um todo.

VIII. É preciso anular qualquer intento de discussão ou desafio com os espíritos comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos manifestantes infelizes e obsessores.

Não discuta! O centro espírita não é arena de disputas. Se passar uma ordem, como por exemplo, desfazer um trabalho de magia e o comunicante se negar a obedecer, diga apenas que caso não lhe atenda o pedido ele será entregue aos milicianos que usarão de técnicas mais enérgicas. Você verá que imediatamente, ao observar a guarda miliciana que o rodeia, iniciará o trabalho. No meu caso, pergunto se ele comanda alguém. Caso ele afirme que sim, peço que chame seus amigos e que estes se entreguem ao cacique permanecendo ajoelhados no canto da parede. Terminado o trabalho reforço que não tente correr, nem se rebelar, mas que se dirija educadamente ao cacique Tibiriçá e pergunte se pode se retirar.

IX. Nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo, de imediato, porquanto em diversos casos a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente.

Como desobsessão é processo, sobretudo de convencimento, não é com apenas alguns minutos de argumentação ou aconselhamento que se extingue um ódio alimentado há décadas. Os mentores examinam cada caso. Buscam familiares, amigos, benfeitores daquele espírito envolvido no litígio para que auxiliem verbalmente e emocionalmente em um desfecho favorável. Promovem regressões de memória, formam quadros fluídicos mostrando filhos, seres amados em outras eras e são tantas as técnicas e tão forte o empenho e a dedicação na resolução do caso que alguns processos que levariam meses dentro de semanas são desfeitos.

X. Quando necessário, o esclarecedor poderá praticar a hipnose construtiva no ânimo dos espíritos sofredores, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, com a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos manifestantes que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo.

A hipnose é largamente utilizada nas doutrinações em todos os aspectos: na contenção fazendo os mais raivosos se sentirem tolhidos, algemados, reduzidos perispiritualmente, cegos, surdos, na contenção da voz, na indução do sono e, inversamente, para beneficiar ministrando medicamentos, promovendo o esquecimento de dores, traumas, retirando-os do estado aflitivo em que se demoram por força de uma ideia fixa, enfim, é um recurso indispensável ao doutrinador, principalmente quando bem sintonizado a seus mentores.

XI. Não se deve constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, atentos ao preceito da espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio.

Como explicamos alhures, para que ocorra uma comunicação mediúnica são necessárias duas premissas: afinidade fluídica e sintonia vibratória. Como saber qual comunicante atende a esses dois pré-requisitos junto a um médium determinado para atendê-lo pelo doutrinador? Deixemos a cargo da equipe desencarnada que colabora com o doutrinador esta tarefa, pois ela é capaz de realizá-la com precisão cirúrgica.

XII. O esclarecimento não deve ser longo em demasia, perdurando a palestra educativa em torno de dez minutos, ressalvadas as situações excepcionais.

Geralmente nas reuniões de desobsessão normais, a rotatividade é muito grande. São dezenas de enfermos destinados àquela noite e é preciso adequar o tempo ao número e à gravidade dos enfermos. Suicidas, pouco tempo para não esgotar o médium. É acalmá-los, algumas palavras de conforto e colocá-los para dormir, que serão levados pelas equipes socorristas para hospitais especializados. Alguém que desconhece que desencarnou e está confuso porque ninguém lhe responde ao chamado nas ruas ou em casa, necessário esclarecimento enfatizando que a morte é apenas uma transferência de lugar, que não perdeu sua família, pois poderá visitá-la com a permissão dos mentores ou será visitado por ela quando seus membros dormirem. Isso o acalma, pois na maioria das vezes a aflição que apresenta é por medo de perder aqueles a quem ama.

XIII. Se o manifestante perturbado se fixar no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o esclarecedor solicitará a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência espiritual especializada. Nesse caso, a hipnose benéfica poderá ser utilizada para que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado e o afastamento dele seja efetivado.

*Desobsessão, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira. Cap. 32, 33, 34, 36 e 37.*

Para auxílio do doutrinador existe uma equipe desencarnada e treinada para tais ocorrências. O centro espírita é uma oficina de trabalho, uma casa de oração, mas, também, um núcleo com disciplina rígida. Ninguém chega para atrapalhar seu desenvolvimento; não é permitido que um comunicante bata na mesa, agrida o doutrinador, lance livros sobre trabalhadores. Se isso por acaso acontecer deve-se à indisciplina do médium que ainda não conseguiu aprimorar sua educação mediúnica, que inclui, acima de tudo, controlar os ímpetos do comunicante, seja ele quem for. Oração e vigilância meus amigos, mas também disciplina e caridade.

# **O poder do amor**

## E

ssa história começa com o atendimento feito por Calderaro a dois espíritos, um encarnado e outro desencarnado, ambos envolvidos em doloroso processo de obsessão. O encarnado, criado na condição de filho pelo dono de uma casa comercial, exigiu pagamento pelos anos que havia trabalhado enquanto convivera com seu protetor e este não concordou com a ideia. Vejamos no original:

Negou-se o patrão, terminantemente a satisfazê-lo, alegando as fadigas que vivera para assisti-lo na infância e na juventude. Propiciar-lhe-ia vantajosa posição no campo dos negócios, conceder-lhe-ia interesses substanciais, mas não lhe pagaria vintém relativo ao passado. Até ali, guardara-o a conta de um filho, que lhe reclamava contínua assistência. Estalou-se a contenda. Palavras rudes, trocadas entre vibrações de cólera, inflamaram o cérebro do rapaz, que no auge da ira, o assassinou, dominado por selvagem fúria.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Todavia o assassinado iniciou um processo obsessivo aprofundando-o por vinte anos, estando ambos ligados em doloroso transe quando Calderaro principia a busca de uma solução para o litígio. Esgotados os recursos de que dispunha, pois preces e irradiações magnéticas não surtiram o efeito desejado permanecendo o encarnado sem perceber os recursos disponibilizados a seu favor, Calderaro, com ares de impotência, esclarece: ainda não sabemos amá-los como se fossem nossos irmãos ou nossos filhos. ... a providência não foi, porém, esquecida. A irmã Cipriana, orientadora dos serviços de socorro do grupo em que coopero, não tarda a chegar. ... É a irmã Cipriana, a portadora do divino amor fraternal, que ainda não adquirimos.

Dizíamos que a doutrinação não ocorre apenas no campo do intelecto, mas,

sobretudo, no campo do sentimento. O amor é uma vibração que penetra no perispírito e atinge o espírito, despertando-o para novas e consoladoras possibilidades. Sem esse sentimento, a argumentação doutrinária corre sério risco de não tocar o enfermo. A doutrina de Jesus encontra-se solidamente embasada no amor a Deus e ao próximo. Fala-nos no prazer de servir, na alegria de ser útil e na felicidade que o ser encontra ao se tornar íntimo com ele. Quanto a mim, pobre e carente tupiniquim, não sei defini-lo. Conheço um pouco esse amor dos namorados, dos poemas, das mães, mas o amor que Jesus sente e vive, este ainda não consigo compreender, quanto mais apreender. Já confessei minha distância desse tema, com este poema que escrevi quando um aluno me perguntou sobre o amor.

### **Quem sabe o que é o amor?**

E sabe lá alguém o que é o amor!

Dizem que é uma energia sublimada

O canto doce de uma alma abençoada

A traduzir as perfeições do Criador

Para o faminto é quem lhe traz o pão

Para o amante, a mulher que o completa

O sofredor o tem na paz que o aquieta

E sendo assim qual a definição?

Todavia, o amor só pode ser divino

Pois até o que é mau lhe escuta o hino

E se entrega confiante ao seu cuidado

Tão doce e cativante é o seu chamado

Acolhendo o vil, o mau, o desgraçado

Que a seu banquete o ódio é convidado.

Não saber o que é o amor, diz do nosso estágio de inferioridade. Imaginamo-lo como bom, generoso, acolhedor, sereno, mas isso não o define. Mas o doutrinador precisa ter um pouco dele, mesmo sem entendê-lo, senão os enfermos aos quais atenderá se sentirão órfãos de acolhimento. Diz-se costumeiramente que Deus é amor. Deve ser, por isso é tão difícil a compreensão acerca desse ser que nos criou, mas algo em nós não nega a Sua existência nem a Sua bondade. Talvez devêssemos proceder como Kardec ao selecionar algumas

qualidades divinas. Disse ele: Deus não pode ser mau, portanto, deve ser bom. Mas para ser Deus, precisa ter a bondade máxima, insuperável, senão outro que o tenha nessas condições é que será Deus. Da mesma forma o amor não pode ser mau ...

E assim, por exclusão, vamos formando uma definição aproximada desse sentimento ou vibração. Examinemos como Cipriana aproximou-se e atendeu aos enfermos. Nada disse de início; deixou que a sua vibração os atingisse e os tirasse do estado de insanidade sonolenta em que se encontravam. Ali onde outras técnicas tais como o conhecimento e a boa vontade não obtiveram sucesso, o amor pousou suas asas delicadas sobre o sofrimento e promoveu o despertar e o arrependimento. O próprio Calderaro admitiu que seu esforço se resumira em simples preparativo para a atuação do verdadeiro recurso exigido naquelas circunstâncias, o amor; que o conhecimento pode pouquíssimo comparado com o muito que o amor pode sempre.

Assim dizendo, acercou-se de ambos os infelizes, postando-se em atitude de oração. Perante a sua personalidade transfigurada, quase me prosternei, tal a comoção daquele minuto inesquecível. Estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com o seu amoroso magnetismo, e notei, assombrado, que o poder daquela mulher sublimada lhes modificava o campo vibratório. Sentiram-se ambos desfalecer, oprimidos por uma força que os compelia à quietação. Reconhecendo o poder divino de que era dotada a emissária, notei que o enfermo, parcialmente liberto do corpo, e o perseguidor implacável passaram a ver-nos com indescritível assombro. Gritaram violentamente, empolgados pela surpresa, e, por julgar cada um de nós o que vê através do prisma de conhecimentos adquiridos, cuidaram fossem visitados pela excelsa Mãe de Jesus; definiam o ambiente em harmonia com as noções religiosas que o mundo lhes inculcara.

O doente ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O outro, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto, qual se o bendito favor daquela hora não lhe fosse, a ele mesmo concedido.

– Mãe dos Céus – clamou o companheiro hospitalizado, chorando convulsivamente – como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela minha própria miséria.... Vossa luz revela-me toda a extensão das trevas em que me debato! Condoei-vos de mim, Senhora!

Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e úmidos. Tentou soerguê-lo, sem, no entanto, lograr que ele deixasse a postura genuflexa.

– Pedro, filho meu, não sou quem julgas, no transporte de viva confiança que te sensibiliza a alma. Sou simplesmente tua irmã na eternidade; todavia, também fui mãe na Terra, e sei quanto sofres.

– Matei um homem! – exclamou, desabafando-se.

A mensageira afagou-lhe o rosto banhado em pranto e acrescentou:

– Sei disso.

Decorridos alguns instantes, em que dividia o carinhoso olhar entre o interlocutor e o verdugo, contido pelo respeito a reduzida distância, dirigiu-se ao doente, de maneira intencional, de modo a se fazer ouvida pelo companheiro vingador:

– Por que destruíste, Pedro, a vida de teu irmão? Como te julgaste com forças e direito para quebrar a harmonia divina?

(...) Aterrorizado, tentaste escapar ao tribunal íntimo, onde o poder espiritual te exprobrava o condenável procedimento!

Mas, nunca é tarde para levantar o coração e curar a consciência ferida. Exausto de sofrer cedeste à enfermidade e aproximaste-te da loucura. De alma contundida e corpo em desordem, apelaste para a Misericórdia Divina, e aqui estamos. Contudo, meu amigo, nossa voz não se ergue para fustigar-te o espírito, já de si mesmo tão castigado e tão infeliz! Vimos ao teu encontro para estimular-te à regeneração. Quem poderá condenar alguém, depois da comunhão de vicissitudes na carne? Quem se sentirá suficientemente puro e santificado para atirar a primeira pedra, mesmo depois de haver atravessado a fronteira de cinzas do sepulcro? Quem de nós terá passado incólume nas correntes do pântano? Não, Pedro, o fundamento da obra divina é o amor incomensurável. Encontramo-nos aqui para querer-te bem, intentando alçar-te a consciência aos campos infinitos da vida eterna. Oreste e chamaste-nos. Abriste a mente à força regenerativa, e somos teus irmãos. Muitos de nós, em outro tempo, penetramos também o sombrio recôncavo dos vales do assassinio, da injustiça e da morte; entretanto, estacamos no caminho, regeneramos o crime, ressoldamos com lágrimas os elos partidos pela nossa imprudência, e cultivando o perdão e a humildade, aprendemos que só o amor salva e constrói para sempre.

*No mundo maior, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Disse Camões em famoso poema, o amor é dor que desatina sem doer. Mas madre Teresa de Calcutá argumenta que temos que amar até doer. Penso que todo amor dói. Mas ele traz em si seus unguentos e a capacidade de transformar chagas em cicatrizes. O amor de Jesus lhe valeu grandes dores, mas creio que ele faria tudo novamente se houvesse a necessidade, em outro planeta talvez, pois uma das características fortes do amor é a persistência. Não desanimemos, nem

percamos a esperança de um dia amarmos suavemente fazendo desse amor um estilo de vida.

Certa feita disse madre Teresa referindo-se à paz mundial: quer a paz do mundo? Vá para casa e ame sua família. É isso! Comece pela sua família. Isso me remete ao nascimento de minha filha Lívia. Eu estava no último ano para minha formatura em Matemática na Universidade Estadual do Ceará, quando ela nasceu. Não tínhamos uma babá para olhar por ela e eu me fiz de cuidador dando-lhe banhos, balanços, mamadeiras e sustos. Minha filha era tão linda, e ainda é, e tão grudada ficou a mim que nunca mais voltei para a Universidade estando meu curso de Matemática inconcluso até hoje. E se algum dia alguém me perguntar porque fiz isso, apontarei a resposta de madre Teresa.

Não nos apequenemos colocando o amor em uma distância medida apenas em anos-luz, pois ele costuma visitar crentes e descrentes pelo menos uma vez em cada existência. Reconhecendo-o convide-o a permanecer em seu coração. Há um espaço a isso destinado em cada coração humano.

# **Indução mental**

## N

a mediunidade e, sobretudo nos processos de obsessão, a indução mental é largamente utilizada como sugestão hábil e sorrateira, maneira de fazer com que uma pessoa, por insistência venha a aderir a uma ideia que subliminarmente lhe assedia. O mais notável nesse processo é que a pessoa, o obsidiado, por exemplo, não identifica a fonte que lhe sugestiona, ou seja, que lhe impõe uma ideia insistentemente e julga que ela surgiu da intimidade da sua mente. Mas se a indução mental em seu processo hipnótico silencioso direciona o sugestionado para o caminho indicado por quem pratica a sugestão, a técnica, também é valorizada pelos bons espíritos, logicamente utilizando-a para o bem.

Da mesma maneira que a propaganda comercial, ostensiva ou subliminar, vai se infiltrando na mente e construindo um convencimento, a indução vai se firmando como opinião a ser expressa ou materializada, nos casos de suicídio, assassinatos, roubos, drogas, sexo desregrado e de inúmeros procedimentos ditados por um inimigo que se esconde e comanda através das ondas do pensamento com o objetivo de dominar e eliminar.

O vigiai e orai inclui de maneira bem ostensiva os pensamentos que entram e saem de nossa mente, muitas vezes, sem uma análise crítica de sua procedência. Gosto do pensamento de Frank Outlaw quando afirma:

*Vigie seus pensamentos; eles se tornam palavras; vigie suas palavras; elas se tornam ações; vigie suas ações; elas se tornam hábitos; vigie seus hábitos; eles formam seu caráter; vigie seu caráter; ele se torna seu destino.*

Vigiar e selecionar os pensamentos é um bom começo para evitar induções mentais indesejáveis. Diante de uma sugestão captada pelo pensamento e estando em dúvida sobre a sua utilidade e a honradez do mesmo, faça a si algumas perguntas, tais como: De onde veio? Por que veio? Por quem veio? Esse exercício o fará refletir em situações nas quais ele poderá ser utilizado e, por desdobramento, em seus consequentes resultados.

Na questão 472 de O Livro dos Espíritos podemos ler a seguinte indagação:

472. Os espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las?

– Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.

Miramez elastece o comentário, enriquecendo-o com argumentos didáticos e de fácil assimilação:

Os espíritos que cercam os homens, que são inúmeros, sempre os influenciam, em constante troca de ideias, mais do que se pensa. Os de má índole aproveitam as oportunidades de invigilância e de falta de oração, para influenciarem do mesmo modo como pensam e agem, e quando não acham momento oportuno, eles criam situações para que o homem possa cair nas armadilhas dos seus desequilíbrios.

Isso sucede com todos os seres, sem exceção. Basta observarmos os pensamentos que surgem em nossa mente todos os dias, para que constatem a aproximação dessas entidades que ignoram a verdade. A Terra se encontra, de certa forma, em uma faixa de inferioridade, e é por causa deste ambiente propício às paixões inferiores que os que se encontram nela são influenciados pelas más tendências.

Não pensemos que somente os encarnados são influenciados pelas más ideias, mesmo nos planos espirituais, os pensamentos soltos se aproximam de nós e, por

vezes, se apoderam da nossa vontade para que aquilo se materialize. É necessário muita vigilância na arte de filtrar o que chega a nós, para o proveito do nosso mundo interior.

Às vezes falamos somente coisas acertadas, mas vivemos algumas vezes nos desacertos. Para ficarmos livres dessas insinuações de desarmonia, é necessário pureza de coração, que forma, assim, um campo de força capaz de queimar os pensamentos intrusos que se aproximam de nós.

Quando na carne, a abertura para os pensamentos indesejados é maior, notando-se em toda parte criaturas de grande nobreza de caráter, vez por outra sendo envolvidas com ideias completamente fora do seu ambiente de viver e, por vezes, apegando-se a elas de maneira inacreditável. Eis porque Jesus é dotado de grande tolerância no campo da educação humana, e o perdão é praticado sem constrangimento pelas grandes almas, por conhecerem o ambiente da Terra. A influência é poderosa em todas as circunstâncias observadas. Os encarnados são cheios de fraquezas, e é nessas horas que os espíritos inimigos se aproximam deles para manifestar suas paixões inferiores.

Sendo a vida uma luta, Deus permite que lutemos mediante todas as controvérsias, para experimentar a nossa resistência diante das nossas próprias inferioridades. E por isso que devemos dar graças a Deus pela presença da doutrina espírita na Terra, pois ela vem com a mesma presença de Jesus, nos ajudar a todos a nos livrarmos das influências do mal, nos preparando contra essas investidas, nos mostrando que não devemos fugir dos problemas, mas vencê-los com as armas que o Evangelho coloca em nossas mãos.

Os espíritos que gastam seu tempo em fazer o mal estão, no fundo, procurando o bem, que hoje ou amanhã encontrarão, porque todos somos feitos para e pelo amor. As forças mais perigosas, assim como as mais iluminadas, se encontram no absconso da vida, dependendo da seleção que os nossos dons possam nos ajudar a escolher.

Quando os pensamentos inferiores se apossarem da tua cabeça, ora pelos que te insinuam essas ideias; ajuda-os a compreender e aceitar outros caminhos, que ser-te-ão dadas novas forças para que possas ensinar e instruir. É bom que sejas forte em todas as lutas que, saliente o bem, porque somente ele ficará para sempre nos corações.

Em todos os momentos em que a fraqueza aparecer em teu caminho, aparecerão com ela espíritos de más condições espirituais para te levarem ao mal. Analisa teus pensamentos todas as horas e alinha tuas ideias a todo momento, para não perderes a direção que o amor procura te indicar.

Visto esse prólogo recorramos a André Luiz em pequeno texto extraído de sua obra:

Recorrendo ao “campo” de Einstein, imaginemos a mente humana no lugar da chama em atividade. Assim como a intensidade de influência da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, a corrente mental se espraia, segundo o mesmo princípio, não obstante a diferença de condições.

Essa corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada espírito com qualidade de indução mental (grifo meu) tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande. Tanto quanto, no domínio da energia elétrica, a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize.

E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético. Compreendemos assim, perfeitamente, que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na Terra), de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade.

*Mecanismos da mediunidade, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Notemos que a corrente mental, mesmo sem um direcionamento específico ou alvo certo, se exterioriza com a qualidade de indução mental, em outras palavras, buscando uma sintonia que a capture. Quando o alvo é escolhido ela se direciona no sentido indicado, que a recebe, e lendo-a mentalmente a repassa ao universo com a força mental que possui. Daí a responsabilidade que devemos ter para com o pensar, pois partindo de nós determinada ideia certamente encontrará alguém que pense semelhantemente e a acolha. Digamos que aquele que a abrigou a materialize e caia em desgraça por causa dela. Fomos o responsável e nem sabemos. Se concorremos para o desastre, certamente, algo sobrá em termos contábil para nossa conta.

Pietro Ubaldi, místico italiano escreveu um livro intitulado *As noures*, que são correntes de pensamentos que, à semelhança de correntes marinhas ou de ar transitam pelo espaço podendo ser evocadas por aqueles que pensam semelhantemente ao conteúdo nelas transportado. Se o pensamento é o ensaio da ação, vigiemos nossos pensamentos para não sermos derrotados por eles.

## **Resgates coletivos**

## N

ós espíritas somos muito atrelados ou focados na lei de ação e reação. Qualquer evento que traz prejuízo à vida de alguém é ligado quase que automaticamente a esta lei. Mas na mocidade espírita, palco de grandes estudos e debates saudáveis, pois nada aceitávamos sem uma boa discussão, tivemos que nos desapegar desse automatismo.

Kardec nos ensina a tudo estudarmos guardando apenas aquilo que nossa consciência elege como lógico e em concordância com a razão. Portanto, para seguir o espiritismo necessitamos de um apurado senso crítico sobre tudo que lemos ou ouvimos. O estopim para melhorar nossa reflexão sobre este ponto foi a pergunta 738 de O Livro dos Espíritos abaixo transcrita:

738. Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores?

– Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.

a) Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso (grifo meu). Será justo isso?

– Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de

que tanto vos queixais. Representam um ensino que se vos dá e que vos servirá no futuro. Os espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real. Esses são os filhos de Deus e o objeto de toda a Sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.

b) Mas, devido a isso, as vítimas desses flagelos acaso deixam de ser vítimas?

– Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.

A.K.: Venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que maior número parte ao mesmo tempo. Se, pelo pensamento, pudéssemos elevar-nos de maneira a dominar a Humanidade e abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.

O ponto central dessa discussão é que nos desastres coletivos sucumbe tanto o bom quanto o mau. Mas se o momento de despedida chega para todos os envolvidos em um desastre coletivo, bem distinto é o que se segue após a morte física. Aí vale a boa e antiga lei universal que preconiza: a cada um será dado segundo suas obras.

Passados os segundos ou minutos da tragédia e estando mortos todos os envolvidos não podemos afirmar que todos desencarnaram. Alguns continuam colados a seus corpos e dele não se livrarão tão facilmente. André Luiz nos

relata em seu texto extraído do livro Ação e reação, capítulo 18, resgates coletivos, abaixo transcrito, o drama de alguns companheiros sob o impacto de um desastre aviatório:

... Oito dos desencarnados no acidente jaziam em posição de chague, algemados aos corpos, mutilados ou não; quatro gemiam, jungidos aos próprios restos, e dois deles, não obstante ainda enfaixados às formas rígidas, gritavam desesperados, em crises de inconsciência. Contudo, amigos espirituais, abnegados e valorosos, velavam ali, calmos e atentos.

Figurando-se cascata de luz vertendo do Céu, o auxílio do Alto vinha, solícito, em abençoada torrente de amor. O quadro patético era tão real à nossa observação, que podíamos ouvir os gemidos daqueles que despertavam desfalecentes, as preces dos socorristas e as conversações dos enfermeiros que concertavam providências à pressa...

... Druso, no entanto, replicou em tom sereno e firme:

– O socorro no avião sinistrado é distribuído indistintamente, contudo, não podemos esquecer que se o desastre é o mesmo para todos os que tombaram, a morte é diferente para cada um. No momento serão retirados da carne tão somente aqueles cuja vida interior lhes outorga a imediata liberação (grifo meu). Quanto aos outros, cuja situação presente não lhes favorece o afastamento rápido da armadura física, permanecerão ligados, por mais tempo, aos despojos que lhes dizem respeito.

– Quantos dias? – clamou meu colega, incapaz de conter a emoção de que se via possuído.

– Depende do grau de animalização dos fluidos que lhes retêm o espírito à atividade corpórea – respondeu-nos o mentor. – Alguns serão detidos por algumas horas, outros, talvez, por longos dias... Quem sabe? Corpo inerte nem sempre significa libertação da alma. O gênero de vida que alimentamos no estágio físico dita as verdadeiras condições de nossa morte. Quanto mais chafurdamos o ser nas correntes de baixas ilusões, mais tempo gastamos para esgotar as energias vitais que nos aprisionam à matéria pesada e primitiva de que se nos constitui a instrumentação fisiológica, demorando-nos nas criações mentais inferiores a que nos ajustamos, nelas encontrando combustível para dilatados enganos nas sombras do campo carnal, propriamente considerado. E quanto mais nos submetamos às disciplinas do espírito, que nos aconselham equilíbrio e sublimação, mais amplas facilidades conquistaremos para a exoneração da carne em quaisquer emergências de que não possamos fugir por força dos débitos contraídos perante a Lei. Assim é que “morte física” não é o mesmo que “emancipação espiritual”.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Claríssima a explicação de Druso quanto ao morrer sem, contudo, desencarnar, mas podemos acrescentar seguindo o raciocínio da resposta dada à pergunta 738 de O Livro dos Espíritos que entre os acidentados poderia haver algum sem que o carma indicasse aquele tipo de desencarnação. E isso é correto? Como argumenta o espírito que respondeu à pergunta 738 em O Livro dos Espíritos, isso não é relevante para o espírito, uma vez que desencarnado a interpretação dos fatos não é a mesma que antes quando na carne. Ele entende que agora está no verdadeiro lar, o espiritual, e como nada perdeu, pois está vivo e liberto da matéria, poderá prosseguir estudos, trabalhos, planos dantes traçados. Percebe que continua ligado àqueles que ama, que poderá visitá-los, trabalhar pela evolução e pela paz deles. Então conclui que nada foi perdido, mas ampliada as possibilidades de progresso.

Como pensa um homem que estando em um emprego precário que pouco conforto e vantagens lhe oferece e, de repente, é enviado a outro que lhe atende as necessidades materiais e emocionais com as vantagens de deslocamento e boa clientela? Não agradecerá ao benfeitor que promoveu tal mudança em sua vida?

Aqui vale o conselho de Jesus quanto à preocupação com os acontecimentos de cada dia.

Não queirais entesourar para vós tesouros na Terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e onde os ladrões os desenterram e roubam. Mas entesourai para vós tesouros no céu, onde não os consomem a ferrugem nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram nem roubam. Porque onde está o tesouro, aí está também o teu coração.

Portanto vos digo: Não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis. Não é mais a alma do que a comida, e o corpo mais do que o vestido?

Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem fazem provimentos nos celeiros; e, contudo, vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois muito mais do que elas? E qual de vós, discorrendo, pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam; digo-vos mais, que nem Salomão, em toda a sua glória, se cobriu jamais como um destes. Pois se ao feno do campo, que hoje é e amanhã é lançado no forno, Deus veste assim, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

Não vos aflijais, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? Porque os gentios é que se cansam por estas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas. Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas se vos acrescentarão. E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado; ao dia basta a sua própria aflição.

ESE, Allan Kardec. (Mateus, 19-21, 25-34).

Sempre considerei esse texto evangélico o rosto, ou melhor, o estilo de Francisco de Assis. Deixemos o passado onde ele se encontra e não nos preocupemos demasiadamente com os perigos desta vida. Com carma ou sem ele poderemos nos transferir para o mundo maior. Façamos o melhor que pudermos, trabalhem no limite de nossas forças sempre visando o bem e, de resto, seja o que Deus mandar. E creia! Ele sempre manda o melhor.

# **A responsabilidade de quem escreve**

## E

Escrever para divulgação é sempre uma grande responsabilidade, pois podemos considerar a palavra escrita como o pensamento expresso, portanto, agente de indução para o bem ou para o mal. Todavia, quem escreve faz história e quem não escreve conta com vagas lembranças. A palavra escrita é um documento histórico que tem a seu favor a fidelidade do pensamento de quem escreveu. Jesus, Buda, Sócrates nada escreveram sobre o que falaram, mas se não houvesse alguém a registrar graficamente o que eles disseram, as gerações futuras não poderiam contar com seus pensamentos. A tradição oral deformaria tanto os ensinamentos originais, que já não se saberia se realmente existiria autenticidade naquilo que lhes atribuíam.

Toda cultura de uma civilização, toda sua história e conquistas são registradas em livros. Desde os sumérios, a escrita manda recados para o futuro e se podemos olhar para trás e saber um pouco de nossos ancestrais devemos isso à escrita. Não existem dúvidas de que a escrita é um marco na evolução de qualquer povo. Mas aqui estamos focando a escrita como instrumento positivo de cultura da civilização.

O escritor tem uma grande responsabilidade com o que escreve e para quem escreve. A palavra é arma poderosa na construção e na demolição do caráter de um povo. Ditadores procuram censurá-la a fim de estrangular a liberdade. E quando querem que este mesmo povo caia na vulgaridade, semeiam a má palavra. Vemos isso na mídia banal que através de programas medíocres mantém as pessoas presas à sua vulgaridade. Vemos isso nos falsos profetas, falsos religiosos, falsos políticos, enfim, em tudo que se afasta da ética e da honestidade.

Mas a espiritualidade tem tanto cuidado com ela, a palavra, que não permite seu mau uso, proferindo ou escrevendo apenas o que floresce paz. Vejamos em O Evangelho segundo o Espiritismo esse pequeno texto:

Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás, e quem matar será réu no juízo. Pois eu vos digo que todo o que se irar contra o seu irmão será réu no juízo; e o

que disser a seu irmão: raca, será réu no conselho; e o que disser: és louco, merecerá a condenação do fogo do inferno.

Mateus, V: 21e 22.

Por essas máximas, Jesus estabeleceu como lei a doçura, a moderação, a mansuetude, a afabilidade e a paciência (grifo meu). E, por consequência, condenou a violência, a cólera, e até mesmo toda expressão descortês para com os semelhantes. Raca era entre os hebreus uma expressão de desprezo, que significava homem reles, e era pronunciada cuspiendo-se de lado. E Jesus vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: és louco.

ESE, Allan Kardec, cap. IX, Injúrias e violência.

Atento à palavra de Jesus, os bons espíritos não lançam em papéis, livros, revistas ou no ar, palavras torpes ou estéreis. Quando descrevem algo fazem uso de seu lado positivo de maneira a não afetar ninguém com conteúdo vulgar ou ofensivo. É isso que o instrutor Druso, enfatiza em sua fala neste texto:

– Nobre instrutor, decerto não temos o direito de questionar qualquer determinação que lhe dimanar da autoridade; ainda assim, estimaria conhecer mais profundamente as razões pelas quais nos é defeso o trabalho de colaboração nos serviços pertinentes ao socorro nos resgates de conjunto. Não poderíamos, acaso, cooperar com os obreiros desta casa, nas expedições de auxílio às vítimas de acidentes diversos, de modo a pesquisar as causas que os determinaram? Indiscutivelmente a Mansão, com as responsabilidades de que se encontra investida, desincumbir-se-á de trabalhos dessa espécie todos os dias...

– Quase todos os dias, – corrigiu Druso sem pestanejar. E, fitando Hilário de estranha maneira, aduziu: – É imperioso observar, porém, que vocês coletam material didático para despertamento de nossos irmãos encarnados, quase todos eles em fase importante de luta, no acerto de contas com a Justiça Divina. Analisando os resgates dessa ordem, vocês fatalmente seriam compelidos à autópsia de situações e problemas suscetíveis de plasmar imagens destrutivas no ânimo de muitos daqueles que ambos se propõem auxiliar.

Esboçando leve sorriso em que deixava transparecer a humildade que lhe adornava o espírito de escol, aditou:

– Parece-me que não seríamos capazes de comentar um desastre de grandes proporções, no campo dos homens, sem lhes insuflar o vírus do medo, tanta vez portador do desânimo e da morte.

A palavra do orientador, serena e evangélica, reajustava-nos os impulsos menos edificantes. Inegavelmente, a Terra jaz repleta de criaturas, tanto quanto nós, algemadas a escabrosos compromissos, carentes de ação contínua para o necessário reequilíbrio. Não seria justo atormentá-las com pensamentos de temor e flagelação, quando através do bem, sentido e praticado, podemos cada hora arredar de nossos horizontes as nuvens de sofrimentos prováveis. Assinalando-nos a atitude inequívoca de compreensão e de obediência, como não podia deixar de ser, o chefe da instituição continuou em tom afável, depois de ligeira pausa:

– Imaginemos que fossem analisar as origens da provação a que se acolheram os acidentados de hoje... Surprenderiam, decerto, delinquentes que, em outras épocas, atiraram irmãos indefesos do cimo de torres altíssimas, para que seus corpos se espatifassem no chão; companheiros que, em outro tempo, cometeram hediondos crimes sobre o dorso do mar, pondo a pique existências preciosas, ou suicidas que se despenharam de arrojados edifícios ou de picos agrestes, em supremo atestado de rebeldia, perante a Lei, os quais, por enquanto, somente

encontraram recurso em tão angustioso episódio para transformarem a própria situação.

Quantos milhares de irmãos encarnados possuímos nós, em cujas contas com os Tribunais Divinos figuram débitos desse jaez? Entretanto, não desconhecemos que nós, consciências endividadas, podemos melhorar nossos créditos, todos os dias. Quantos romeiros terrenos, em cujos mapas de viagem constam surpresas terríveis, são amparados devidamente para que a morte forçada não lhes assalte o corpo, em razão dos atos louváveis a que se afeiçoam!... Quantas intercessões da prece ardente conquistam moratórias oportunas para pessoas cujo passo já resvala no cairel do sepulcro?!... Quantos deveres sacrificiais granjeiam, para a alma que os aceita de boamente, preciosas vantagens na Vida Superior, onde providências se improvisam para que se lhes amenizem os rigores da provação necessária?!

Bem sabemos que, se uma onda sonora encontra outra, de tal modo que as “cristas” de uma ocorram nos mesmos pontos dos “vales” da outra, esse meio, em consequência aí não vibra, tendo-se como resultado o silêncio. Assim é que, gerando novas causas com o bem, praticado hoje, podemos interferir nas causas do mal, praticado ontem, neutralizando-as e reconquistando, com isso, o nosso equilíbrio. Desse modo, creio mais justo incentivarmos o serviço do bem, através de todos os recursos ao nosso alcance. A caridade e o estudo nobre, a fé e o bom ânimo, o otimismo e o trabalho, a arte e a meditação construtiva constituem temas renovadores, cujo mérito não será lícito esquecer, na reabilitação de nossas ideias e, conseqüentemente, de nossos destinos.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Que lição! Nem toda verdade deve ser enfatizada ou dita com as cores do desânimo e da gravidade. Geralmente é o carma ou dívidas passadas a causa de mortes tão violentas, mas por que não colocar o foco no heroísmo com que a enfrentaram? Por que não enfatizar que desencarnaram no cumprimento do

dever? Por que não amenizar em vez de realçar a tragédia acusando os mortos de assassinos no passado? O mundo busca e precisa desesperadamente de versos de beleza, poemas de paz, palavras de acolhimento. Não coloquemos o medo nem a ansiedade nos corações de nossos irmãos, antes os encorajemos à bravura, à honestidade, à necessidade de luz.

Que nossa palavra seja conselheira, que abra portas, sorrisos, corações. Que os louvores sejam temas que enobreçam a alma em sua capacidade de superar a sombra; que o verbo cortante seja utilizado apenas na injustiça; que Deus nos inspire mansuetude na voz e paz no coração. E que os escritores não tenham do que se envergonhar frente aos amigos espirituais quando a morte vier trazer-lhes o passaporte para o verdadeiro lar.

# **A inversão sexual**

## M

Muitos autores espíritas já se reportaram a este tema sem, contudo, apresentarem uma teoria conclusiva, posto que ela não existe. Todavia, as hipóteses mais recorrentes decorrem de duas situações: um espírito passa muito tempo reencarnado na condição de homem, por exemplo, e de repente, volta à carne em roupagem feminina. Nesse caso ele leva consigo o condicionamento masculino a que se habituou, naturalmente encontrando dificuldades para se exercitar com o novo corpo. Costumamos dizer em linguagem popular que é uma mulher com alma masculina. O inverso também ocorre.

A segunda situação decorre da crueldade com que um homem, por exemplo, trata sua companheira desrespeitando sua fragilidade e seus direitos por ser fisicamente mais forte, impondo o domínio pela força bruta e ameaças. Nesse caso, para que ele sinta na pele a mesma condição opressiva, método pedagógico excelente para avaliar seu erro, ele reencarna na condição feminina por conta própria quando reconhece sua ignorância ou a isso é obrigado por reencarnações compulsórias. O inverso também pode ocorrer, mas é muito mais raro tal ocorrência. Vejamos como Silas, um dos instrutores de André, se reporta a este fato:

– E os problemas inquietantes da inversão?

Silas deu-se pressa em aclarar:

– Não será preciso alongar elucidacões. Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas da mulher, e que o espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem. Contudo, em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e

cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, desorganiza-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinquência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, requisitando, quase sempre, a internação em corpo masculino, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor. Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que, em muitas circunstâncias, reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas, através de estágios perigosos de solidão, em favor do campo social terrestre que se lhes vale da renúncia construtiva para acelerar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Todavia, em estudo feito no centro Espírita Grão de Mostarda, Fortaleza, em grupo mediúnico por mim dirigido e destinado a aprofundamentos doutrinários, o que era feito com consultas aos mentores da casa, ouvimos deles, que trouxeram espíritos que já haviam passado pela situação de inversão sexual para que nos dessem suas impressões sobre o tema. Registrei esse estudo no livro *Vinte temas espíritas empolgantes*, editado pela EME, de Capivari, São Paulo. O longo artigo descreve as teorias psicanalíticas que tentam explicar o homossexualismo, sem, contudo, nenhuma delas receber o apoio universal. Não nos ateremos a elas, pois nossa abordagem é espírita: eis alguns tópicos que se resumem na palavra dos mentores, seguida de testemunhos de convidados por eles:

1. O espírito, exercendo determinada sexualidade em uma ou mais encarnações,

descompromissado com a ética, pode encarnar em um corpo de sexo oposto ao anterior, conservando em seu psiquismo os mesmos desejos sexuais passados, ou seja, muda de sexo, mas não altera o apetite sexual; troca de corpo, mas não renova a mente. Apresso-me a dizer que tal atitude não se constitui em regra geral e que a problemática não se liga diretamente ao tema, reencarnação, mas às leis de causa e efeito.

2. Obsessão: a obsessão pode ser a causa de certos comportamentos sexuais invertidos. No livro de Philomeno de Miranda, Nos bastidores da obsessão, psicografia de Divaldo Franco, observa-se um caso onde o obsessor, aliado a uma falange trevosa que o assiste, destaca um hipnotizador para modificar o interesse sexual de um jovem a quem persegue, inclinando-lhe a libido em sentido oposto ao da lei natural, induzindo-o ao homossexualismo. Este jovem busca o auxílio de um psicanalista, que o aconselha a assumir sua atual tendência, pois no seu entender de terapeuta, o certo é “viver a vida”, tudo o mais são tabus a serem quebrados. Claro que a nobre figura médica recebia sugestões do obsessor que o comandava com habilidade. Nesse exemplo o obsessor encontrou as condições favoráveis ao seu intento, o que lhe garantiu o sucesso almejado, embora temporariamente.

3. Missão: um espírito, preocupado com a questão do preconceito, marginalização e sofrimento dos homossexuais, pode pedir como missão nascer entre eles, com tendências para atuar como líder, pesquisador, defensor, moralizador... pois ninguém melhor do que um do próprio meio para atuar na libertação dos demais. Nesse caso singular, o homossexual missionário sublimaria os seus anseios internos de buscar prazer sexual, canalizando-os para a luta e defesa de seus irmãos.

Convidados respeitosamente acolhidos expondo suas opiniões e histórias de vida.

1. No princípio criou Deus os espíritos, simples, ignorantes e bissexuais. Sendo a

mente criadora bissexual ou bipolar e criando o homem à sua imagem e semelhança, o criou bissexual. Digo bipolar não no que se refere ao prazer do sexo, mas à psique. Isso pode gerar tendências que não se constituem em pecado quando não praticadas.

2. Quando criança minha mãe sempre falava que não queria ter tido um filho homem. Ela sonhava em ter uma filha. Vestia-me com roupas femininas, fazia penteados, dava-me bonecas... fui introjetando a ideia de ser aquela filha desejada e me tornei afeminado. Quando cresci usei silicone, depilações, maquilagem, enfim, tornei-me homossexual.

3. Quando era ainda bem pequeno já tinha uma paixão louca por minha mãe. Como meu pai desfrutava os carinhos dela passei a odiá-lo por este motivo. Certa vez eu surpreendi meu pai fazendo sexo com minha mãe e então o agredi e passei a odiá-lo ainda mais. Quando minha mãe morreu, ainda jovem, eu passei a procurar sua figura em outras mulheres. Não sei bem ao certo porque me tornei homossexual.

4. Eu passei nesta última encarnação por uma prova relacionada com o sexo. Eu tinha a tendência homossexual e a sublimei. Foi uma prova, porque ela me foi imposta sem que eu soubesse ou participasse do planejamento reencarnatório elaborado para mim. Meus fiadores inverteram a minha psicologia masculina para que eu sentisse o que uma mulher sente. As minhas tendências foram geradas devido ao meu comportamento em encarnações passadas, onde eu me fartei demais com as mulheres e passei a buscar algo diferente. Como eu, graças a Deus, soube me comportar dignamente nesta última encarnação, obtive méritos para uma possível harmonização mental.

*Vinte temas espíritos empolgantes, Luiz Gonzaga Pinheiro.*

O longo artigo ainda cita casos relacionados ao ontem, ao hoje e ao longínquo, descrevendo casos contados pelos espíritos, que provocaram uma inversão sexual, mesmo decorridos séculos do acontecido. Como aqui nos referimos aos apontamentos de André Luiz, no sentido de motivar o leitor a buscar suas obras e estudá-las, ou seja, é um atrativo, uma isca no bom sentido, julgamos conveniente pararmos por aqui. Atualmente esta questão do preconceito arrefeceu um pouco. A condição homossexual já não causa espanto e caminha para a aceitação plena. Acredito que mais acolhida ela será quando todos a entenderem e respeitarem e, importantíssimo, os homossexuais se respeitarem, pois o que choca não é a condição homossexual, mas a promiscuidade com a qual alguns a vivenciam.

# **Os anticoncepcionais**

## G

eralmente este assunto não chama a atenção dos estudiosos espíritas, por ser comum e fazer parte do cotidiano de milhões de mulheres no mundo. Mas haverá algum inconveniente em usá-lo? Estará seu uso em desacordo com as leis espirituais? Haverá alguma consequência para quem os usa? Certamente que cada caso está sob a supervisão de uma lei maior e que sempre haverá atenuantes e agravantes para quem foge à responsabilidade de ter filhos quando se comprometeu a criá-los e educá-los.

Não estou me referindo ao planejamento familiar que cada casal tem o direito de fazer. Se cabe a ele cuidar, alimentar, proteger, medicar, orientar, enfim, prover todas as necessidades físicas e emocionais dos filhos, certamente tem o direito de decidir quantos abrigará. Todavia é necessário lembrar que existe um planejamento pré-reencarnatório que já determina, na grande maioria das vezes, quantos e quais são os filhos. Ante esse planejamento familiar, que o casal ore pedindo a Deus a inspiração necessária para que seu planejamento não entre em desacordo ou rota de colisão com o planejamento já elaborado no plano espiritual.

Como a curiosidade do leitor deve ser grande sobre este assunto, deixemos de esticar conversa e passemos à palavra de Silas, instrutor de André, neste capítulo de seu livro Ação e reação:

– Já que nos detemos, em matéria de sexologia, na lei de causa e efeito, como interpretar a atitude dos casais que evitam os filhos, dos casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista, que sistematizam o uso dos anticoncepcionais?

Silas sorriu de modo estranho e falou:

– Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes são trabalhadores desprevenidos que preferem poupar o suor, na fome de reconforto imediatista. Infelizmente para eles, porém, apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutam a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidades e preconceitos das experiências de subnível, para acordarem, depois do túmulo, sentindo frio no coração.

*Ação e reação, André Luiz, psicografia de Chico Xavier.*

Notemos que André se referiu a casais dignos e respeitáveis sem que haja nenhuma ameaça de aborto, porque então a gravidade seria centuplicada pela existência de um crime. Na imensa maioria das vezes os casais planejaram filhos, que podem ser velhos amigos a lhes ajudarem nas agruras da vida ou inimigos a lhes cobrarem antigas dívidas escondidas pela morte. Pode ser que aquele filho não tenha nada a ver com o casal tendo ali aportado pela semelhança de carma. Mas nesse caso, aí é que a exigência de amparo se apressa, pois dívida reclama pagamento e pagamento feito quer dizer paz.

Sem falar que casal sem filhos é convite à solidão; que casa sem criança é como um jardim sem flor, pois criança alegre a vida de qualquer casal e enche o coração de uma vontade louca de voltar para casa e sentir aquele cheirinho de lavanda que emana dos cabelos dela. É tão fofinha no abraço que tira todo o cansaço do dia e a gente se pega, sem querer, a agradecer a Deus por ter enviado aquele anjinho à nossa vida.

Não nos esqueçamos de que os espíritos destinados aos corações paternos formam antes de nascer laços emocionais e afetivos com eles. Se lhes bloqueiam as portas, fechados lhes são os carinhos do útero, restará comoções e desarranjos ao psiquismo daqueles que falharam na acolhida traindo a promessa de aconchego. Olhando o problema pelo lado de ambos, pais e filho, verificamos

que da mesma maneira que o pai e a mãe se preparam, aguardam e sonham com a chegada daquele espírito, este também se sente ansioso, cria expectativas, sonha com o futuro planejado com o carinho e o apoio dos pais.

Gosto desse pequeno texto de autor desconhecido. O considero poético, síntese formidável da missão materna:

Filho é um ser que nos emprestaram para um curso intensivo de como amar alguém além de nós mesmos, de como mudar nossos piores defeitos para darmos os melhores exemplos e de aprendermos a ter coragem. Isto mesmo!

Ser pai ou mãe é o maior ato de coragem que alguém pode ter, porque é se expor a todo tipo de dor, principalmente da incerteza de estar agindo corretamente e do medo de perder algo tão amado.

Perder? Como? Não é nosso, recordam-se? Foi apenas um empréstimo.

Sobre filhos, gosto especialmente de uma mensagem de Emmanuel que traz excelente reflexão sobre o proceder dos pais para com a grande tarefa de caminhar com os filhos em harmonia:

## PÁGINA DO IRMÃO MAIS VELHO

Ajuda o teu filho, enquanto é tempo. A existência na Terra é a vinha de Jesus, em que nascemos e renascemos. Quantos olvidam seus filhos, a pretexto de auxílio ao próximo, e acabam por fardos pesados a toda gente! Quantos se dizem portadores da caridade para o mundo e relegam o lar ao desespero e ao abandono?!

Não convertas o companheirinho inexperiente em ornamento inútil, na galeria da vaidade, nem lhe armes um cárcere no egoísmo, arrebatando-o à realidade, dentro da qual deve marchar em companhia de todos. Dá-lhe, sempre que possível, a bênção dos recursos acadêmicos; mas, antes disso, abre-lhe os tesouros da alma, para que não se iluda com as fantasias da inteligência quando procura agir sem Deus.

Ensina-lhe a lição do trabalho, preparando-o simultaneamente na arte de ser útil, a fim de que não se transforme em alimária inconsciente. Os pais são os ourives da beleza interior. O buril do exemplo e a lâmpada sublime da bondade são os instrumentos de tua obra. Não imponhas à formação juvenil os ídolos do dinheiro e da força. A bolsa farta na alma vazia de educação é roteiro seguro para a morte dos valores espirituais.

O poder, sem amor, gera fantoches que a verdade destrói no momento preciso. Garante a infância e a juventude para a vida honrada e pacífica. Que seria do celeiro se o lavrador não preservasse a semente? Quem despreza o grelo frágil é indigno do fruto. Faze de teu filho o melhor amigo, se desejas um continuador para os teus ideais. Que será de ti se, depois de tua passagem pela vida física, não houver um cântico singelo de agradecimento endereçado ao teu espírito, por parte daqueles aos quais deves amor?

Que recolherás na seara da vida, se não plantares o carinho e o respeito, a harmonia e a solidariedade, nem mesmo no canteiro doméstico? Não reproves a esmo. A tua segurança de hoje lança raízes na tolerância de teu pai e na doçura das mãos enrugadas e ternas da tua mãe. Esqueça a cartilha da violência.

Que seria de ti sem a paciência de algum velho amigo ou de algum mestre esquecido, que te ensinaram a caminhar? O destino é um campo restituindo invariavelmente o que recebe. Ama teu filho e faze dele o teu confidente e

companheiro.

E, quanto puderes com o teu entendimento e com o teu coração, auxilia-o, cada dia, para que não te falte a visão consoladora da noite estrelada na hora do teu repouso e para que te glorifiques, em plena luz, no instante luminoso do despertar.

*Plantão da paz, Emmanuel, psicografia de Chico Xavier.*

Mas isso só será possível àqueles que não usaram os anticoncepcionais evitando toda essa corrente de ternura a invadir a vida em toda sua extensão. Aqui abro pequeno espaço para lembrar das mulheres heroínas, aquelas que não tendo filhos abrigam em seus corações os filhos alheios. Essas mulheres luminosas que abdicam do descanso, dos divertimentos vazios, que preferem a luta de fazer feliz alguém, que fazem do cuidar a essência do seu carinho, são ainda mais corajosas que as mães de corpo, pois são de alma.

Tenho um profundo respeito e admiração por essas mulheres. Quem ou que lhes impulsiona? A caridade, a poesia, a sensibilidade ou simplesmente o amor? Um gesto assim vale mais que mil orações, um bilhão de palavras, um trilhão de viagens de descanso, pois a alma nobre não está interessada em descanso, mas em trabalho. Que tenham a certeza de que os anjos do aconchego, aqueles que cuidam do amparo no mundo as protegem desveladamente, colocando uma pétala em cada palavra pronunciada e uma flor em cada gesto praticado por elas.

Mas é sobretudo na velhice que essa necessidade de companhia e de acolhimento mais invade o coração dos que já caminharam muito e estão com os pés lentos e cansados. Façamos o possível para com os filhos, iniciando por trazê-los à carne. Os prazeres que julgamos fáceis e cariciosos não valem um abraço do filho à noite quando o ensinamos a orar. Pense que não veio a este mundo em férias permanente, mas para fortalecer a fibra de guerreiro com a qual todos contamos para a redenção espiritual. Abrace e beije seu filho ensinando-lhe o quanto sabe e o quanto acumulou no bem. E quando já estiver bem velhinho vai agradecer demais por ter seguido este conselho.

# **Poligamia e monogamia**

## N

o capítulo do livro Ação e reação, intitulado Anotações oportunas, André tem a satisfação de ouvir de Silas, explicações sobre variados temas, oferecendo ao leitor a interpretação do plano espiritual onde se encontra em aprendizagem. Talvez em um plano mais elevado tais ensinamentos viessem de forma mais completa, mas no presente estágio de desenvolvimento moral-intelectual é do que necessitamos. A poligamia ainda é tolerada em algumas regiões do planeta, mas a tendência evolutiva é para que ela regrida e que cada alma encontre a sua companheira e com ela construa sua paz. Mas, entremos diretamente no âmago da questão:

Poligamia e monogamia – O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso a planos superiores.

O instinto sexual nessa fase de evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que lhe demonstre plena afinidade, (grifo meu) porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas. Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem constantes, da Criação divina.

*Evolução em dois mundos, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Silas, excelente instrutor, elucida que o ser necessita e quer para sua felicidade a companhia de uma alma que lhe demonstre afinidade. Se em um ímã os polos contrários se atraem, no amor entre um homem e uma mulher, ocorre o contrário. É preciso haver semelhança de caráter, de gostos, de objetivos, ou seja, afinidade. Mas, e se um homem encontrasse essa afinidade em várias mulheres e vice-versa? Poderia haver uma união perfeita entre eles? Talvez no trabalho, na pesquisa, mas no amor que deve unir um homem à sua mulher, no presente estágio evolutivo da Terra, não. No amor, homem e mulher funcionam como uma conexão elétrica: tomadas e plugues. Não vale aqui a extensão que permite que se acople mais plugues.

O coração da mulher é semelhante a uma tomada que está pronta para receber o plugue com dois pinos, coração masculino. Quem defende a infidelidade é profundo desconhecedor dessa realidade, o amor de verdade entre homem e mulher. Somente a monogamia, estabelecida em bases de amor tem condições para enfrentar toda e qualquer situação de sacrifício e renúncia pela família ou por qualquer outro objetivo nobre. Existirá maior estado de felicidade, que aliás é sempre relativa aqui na Terra, do que o encontro com uma alma que pareça lhe completar a existência? Muitos passam pela vida sem ter esse presente divino. Conhecendo o amor de Emmanuel por Lívia, de Alcione por Pólux, de Francisco por Clara, logicamente nos vem à mente uma pergunta: terá ocorrido acontecimento mais belo para estes personagens, segundo eles próprios, do que o encontro com essas almas que os acompanham há séculos? Madre Teresa não teve um namorado, mas sua sensibilidade poética sabe dizer exatamente o que muitos gostariam de dizer e não conseguem:

O amor chega a quem espera, ainda que o tenham decepcionado; a quem ainda acredita, mesmo que antes tenha sido traído; a quem ainda precisa amar, mesmo que tenha sido ferido; e a quem tem coragem e fé para construir a confiança novamente.

O princípio do amor é deixar que aqueles que conhecemos sejam eles mesmos, e não tentar mudá-los segundo nossa própria imagem, porque então só amaremos o reflexo de nós mesmos.

Não se deixe levar pelo exterior, porque ele pode enganar. Não se deixe levar pelas riquezas, porque ela pode ser perdida. Procure alguém que faça você sorrir, porque um sorriso é capaz de fazer um dia escuro brilhar.

Espero que você encontre aquela pessoa que lhe faça sorrir! Há momentos nos quais você sente tanta saudade da pessoa em seus sonhos, que tem vontade de tirá-la dos seus sonhos e abraçá-la com todas as suas forças.

(...)

Espero que você tenha felicidade suficiente para tornar-se doce; provas suficientes para tornar-se forte; dores suficientes para ser um humano autêntico; esperança suficiente para ser feliz, recordando que as pessoas mais felizes nem sempre são as que têm o melhor de tudo.

Nesse momento lembro de Balzac, que se reportando sobre a monogamia deixou essa frase monumental: É tão absurdo dizer que um homem não pode amar a mesma mulher toda a vida, quanto dizer que um violonista precisa de diversos violinos para tocar a mesma música.

Tudo que é amado fica eterno. A memória e a gratidão são atestados sobre a veracidade do amor. Quem o encontra apreende o verdadeiro sentido da vida. É preciso iniciar o dia pensando que o amor existe e que está logo ali à sua espera. À espera de tomar café, à espera de acordar, à espera de um beijo ou de um bom

dia. Leva consigo na memória o rosto de quem ama. Ele será seu escudo contra qualquer desassossego. Sua vigilância para que não se afaste da ética, da bondade, da paciência, do amor.

Leva consigo o cheiro do seu amor, pois ele será a blindagem contra a traição e a garantia de um bom retorno ao lar. Leva consigo o gosto do seu amor, pois não encontrará sabor melhor. Ora por seu amor para que ele seja perene e que nem mesmo a morte consiga subtraí-lo de você, pois a morte só mata o corpo e o amor verdadeiro é de alma. Gostaria de terminar esse capítulo com um poema que fiz para alguém muito amado e que expressa bem o meu pensamento sobre o amor.

### **Poema para uma estrela**

Ninguém sabe exatamente por que ama alguém

Pode pensar que é pelos olhos, o corpo, o tudo

Mas se não envolve a alma não ama

Só existe amor de almas

O corpo serve para tentar abraçar a alma que ele guarda

E que é impalpável, mas sente o toque dos lábios, das mãos, do desejo

Estranho amar o que não se vê

Mas os olhos são a janela da alma, a vitrine do coração

Olha nos olhos de quem amas e verás o mistério da alma

Como ela se expande para envolver-te

Como ela exala perfume ao teu lado

Como ela vibra quando te afaga

Olha nos olhos de quem amas e sentirás vontade de penetrá-los

De morar dentro deles

De parar o tempo, fazer um berço

Fundir os corações para nunca se separarem

Essa é a linguagem da alma

O silêncio com eloquentes discursos

O momento que define a eternidade

O sentimento que humaniza a divindade

A divindade que nos torna humanos.

## **Conclusão**

## S

empre fico feliz em concluir um livro. Com este me senti voltando à adolescência, quando criei o primeiro grupo de estudos para as obras de Allan Kardec. Não trago uma única tristeza por tê-lo iniciado, antes o elevo à categoria de período mais feliz da minha mocidade, quando abracei a borda da ciência espírita. Desde então, venho aprofundando estudos junto a encarnados e desencarnados, posto que estes também gostam e se sentem felizes em participar de pesquisas conosco, os encarnados.

Relendo a obra de André Luiz, agora pela quarta vez, senti vontade de recordar tópicos importantes para médiuns, doutrinadores e simpatizantes da doutrina, de vez que o conhecimento é uma boa blindagem contra aqueles que querem dominar através da mentira. Sendo o espiritismo uma doutrina de cultura e sabendo todos que a verdade liberta, que tenhamos a força, o ânimo e a coragem de iniciar através do estudo, a conquista da nossa liberdade das teias pegajosas da ignorância.

Kardec, em *O que é o espiritismo* adverte: é nisto, sobretudo, que o estudo sério e completo da ciência espírita é indispensável, a fim de só se lhe pedir o que ela pode dar e do modo por que o pode fazer; ultrapassando esses limites é que nos expomos a ser enganados.

Mas como nosso estudo foi feito com base na obra desse grande espírito, André Luiz, e está voltado para o incentivo à leitura, estudo e pesquisa, acho justo que terminemos o livro, tal qual o iniciamos, com ele:

### PERANTE O LIVRO

Consagrar diariamente alguns minutos à leitura de obras edificantes, esquecendo os livros de natureza inferior, e preferindo, acima de tudo, os que, por alimento da própria alma, versem temas fundamentais da doutrina espírita. Luz ausente, treva presente.

Digerir primeiramente as obras fundamentais do espiritismo, para entrar em seguida nos setores práticos, em particular no que diga respeito à mediunidade. Teoria meditada, ação segura.

Dentro do tempo de que disponha, conhecer as obras reunidas na biblioteca do templo ou núcleo doutrinário a que pertença. Livro lido, ideia renovada.

Apreciar com indulgência as obras de combate ao espiritismo, compreendendo-lhes a significação, calando defesas precipitadas ou apaixonadas, para recolher, com elas, advertências e avisos destinados ao aperfeiçoamento da obra que lhe compete. Vale-se o bem do mal, para fazer-se maior.

Oferecer obras doutrinárias aos amigos, inclusive as que jazem mofando sem maior aplicação dentro de casa, escolhendo o gênero e o tipo de literatura que lhes possa oferecer instrução e consolo. Livro nobre, caminho para a ascensão.

Disciplinar-se na leitura, no que concerne a horários e anotações, melhorando por si mesmo o próprio aproveitamento, não se cansando de repetir estudos para fixar o aprendido. Aprende mais, quem estuda melhor.

Sem exclusão de autor ou de tema versado, analisar minuciosamente as obras que venha a ler, para não sedimentar no próprio íntimo os tóxicos intelectuais de falsos conceitos, tanto quanto as absurdidades literárias em torno das quais giram as conversações enfermiças ou sem proveito. Os bons e os maus pensamentos podem nascer de composições do mesmo alfabeto.

Divulgar, por todos os meios lícitos, os livros que esclareçam os postulados espíritas, prestigiando as obras santificantes que objetivam o ingresso da Humanidade no roteiro da redenção com Jesus. A biblioteca espírita é viveiro de luz.

*Conduta espírita, André Luiz, psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira.*

Faça bom uso do que leu. Conhecimento é poder! Use esse poder para mudar a si próprio, pois a mudança do mundo passa pelas fibras de cada coração. E como enfatizou o Mestre, onde está o seu tesouro está também o seu coração. Paz ao mundo!

# **Bibliografia**

DENIS, Léon. O problema do ser, do destino e da dor. 9ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1975.

FRANCO, Divaldo Pereira. Manuel Philomeno de Miranda (espírito). Nos bastidores da obsessão. 2ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1976.

KARDEC, Allan. A Gênese. Trad. Guillon Ribeiro. 5ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1975.

\_\_\_\_\_. O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. Matheus Rodrigues de Camargo. 1ª ed. Capivari-SP, Editora EME, 2000.

\_\_\_\_\_. O Livro dos Espíritos. Trad. Torrieri Guimarães. 2ª ed. São Paulo-SP, Opus Editora Ltda., 1985.

\_\_\_\_\_. O que é o espiritismo. 13ª ed. Rio de Janeiro– RJ, FEB, 1963.

LIPTON, Bruce. A biologia da crença. Trad. Yma Vick. 1ª ed. São Paulo-SP, Petit Editora, 2007.

MAIA, João Nunes. Miramez (espírito). Filosofia espírita. 3ª ed. Minas Gerais-BH, Editora Espírita Fonte Viva, 2008.

\_\_\_\_\_. Francisco de Assis. 26ª ed. Minas Gerais-BH, Editora Espírita Fonte Viva, 1982.

PEREIRA, Yvonne. Recordações da mediunidade. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1968.

PINHEIRO, Luiz Gonzaga. O perispírito e suas modelações. 16ª reimp. Capivari-SP, Editora EME, 2015.

UBALDI, Pietro. As noúres. Trad. Clóvis Tavares. 1ª ed. São Paulo-SP, Editora LAKE, 1953.

VIEIRA, Waldo & Xavier, Francisco Cândido. André Luiz (espírito). Conduta espírita. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1960.

\_\_\_\_\_. Desobsessão. 12ª ed. Brasília-DF, FEB, 1991.

\_\_\_\_\_. Evolução em dois mundos. 25ª ed. Brasília-DF, FEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Mecanismos da mediunidade. 3ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1970.

XAVIER, Francisco Cândido. André Luiz (espírito). Ação e reação. 7ª ed. Brasília-DF, FEB, 1980.

\_\_\_\_\_. Libertação. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1949.

\_\_\_\_\_. Missionários da luz. 12ª ed. Brasília-DF, FEB, 1991.

\_\_\_\_\_. No mundo maior. 5ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1970.

\_\_\_\_\_. Nosso Lar. 45ª ed. Brasília-DF, FEB, 1996.

\_\_\_\_\_. Vida e sexo. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1970.

XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel (espírito). Mediunidade e sintonia. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, CEU, 1985.

\_\_\_\_\_. O consolador. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1941.

\_\_\_\_\_. Plantão da paz. 1ª ed. São Bernardo do Campo-SP, GEEM, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido. Espíritos diversos. Aulas da vida. 1ª ed. São Paulo-SP, Ideal, 1981.

\_\_\_\_\_. Parnaso de além-túmulo. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1932.

XAVIER, Francisco Cândido. Neio Lúcio (espírito). Jesus no lar. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1950.